

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CAMILA PATROCÍNIO LUIZ DA SILVA

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO:

Um estudo sobre a construção e reconstrução social do corpo para mães e filhas negras

BELO HORIZONTE-MG

2022

CAMILA PATROCÍNIO LUIZ DA SILVA

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO:

Um estudo sobre a construção e reconstrução social do corpo para mães e filhas negras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Linha de pesquisa: Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso Nascimento

BELO HORIZONTE-MG

2022

150 Silva, Camila Patrocínio Luiz da.
S586r Representação social do corpo [manuscrito] : um estudo
2022 sobre a construção e reconstrução social do corpo para mães e
 filhas negras / Camila Patrocínio Luiz da Silva. - 2022.
 80 f.
 Orientador: Adriano Roberto Afonso Nascimento.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
 Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
 Inclui bibliografia.

 1. Psicologia – Teses. 2. Representações sociais – Teses.
 3. Corpo - Teses. 4. Negras - Teses. I. Nascimento, Adriano
 Roberto Afonso . II. Universidade Federal de Minas Gerais.
 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE CAMILA PATROCINIO LUIZ DA SILVA

Realizou-se, no dia 29 de junho de 2022, às 14:00 horas, On-line, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO NEGRO: Um estudo sobre a construção e reconstrução social do corpo negro para mães e filhas negras*, apresentada por CAMILA PATROCINIO LUIZ DA SILVA, número de registro 2019662730, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Adriano Roberto Afonso do Nascimento - Orientador (UFMG), Prof(a). Jaíza Pollyanna Dias da Cruz Rocha (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Flaviane da Costa Oliveira (UFES).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Flaviane da Costa Oliveira, Usuário Externo**, em 04/07/2022, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Roberto Afonso do Nascimento, Chefe de departamento**, em 05/07/2022, às 09:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jaíza Pollyanna Dias da Cruz Rocha, Usuária Externa**, em 12/07/2022, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1553823** e o código CRC **CB637AAB**.

Dedico esta dissertação à minha mãe, Cláudia, pelo exemplo de força e persistência; às minhas tias, Rosângela, Roseli, Rosemary e Cleide, por me ensinarem tanto, por sempre acreditarem em mim e por serem exemplos de mulheres negras nos quais pudesse espelhar.

AGRADECIMENTOS

Um mestrado nunca é fruto de uma jornada solo. Entendo que ela é composta de muitos momentos e pessoas, por isso, aproveito este espaço para agradecer a algumas que me ajudaram a concluir essa fase. Sei que todo reconhecimento é parcial e que, dificilmente, conseguirei rememorar todos os que me ajudaram a chegar até aqui (muitos até mesmo antes do início deste projeto). Assim, aqueles e aquelas que menciono são representantes de muitos outros.

Primeiramente, reconheço e agradeço a presença de Deus, pelo dom da vida e por ter me permitido iniciar e concluir essa jornada, que, em muitos momentos, foi verdadeiramente desafiadora.

Ao meu companheiro, Joaquim. O seu apoio foi fundamental para me impulsionar em todos os momentos. Obrigada pelo suporte, pela paciência, pelos empurrões, pela compreensão nas ausências e por embarcar nos meus sonhos.

À toda minha família e, em especial, aos meus pais, Cláudia e Gelson, e ao meu irmão, Cassiano, por serem verdadeiras referências para mim, por me ajudarem a formar quem eu sou, por me permitirem ter asas para voar e, ainda assim, saber que sempre tenho um porto seguro para retornar.

Sou grata ainda a todas as pessoas negras que passaram no meu caminho e me deram força para continuar na minha vida acadêmica, mesmo sabendo de todas as dificuldades que tenho. Sou grata à Comissão de Psicologia Étnico-racial de Belo Horizonte-MG, pelas discussões calorosas e reflexões. Obrigada por me apresentarem e me fazerem me encantar pelos estudos sobre questões raciais e os feminismos negros. Isso foi importante para minha formação pessoal, profissional e acadêmica.

Aos meus colegas de pós-graduação: de sala de aula (em especial, Míria, Karen e Joelma), do grupo de estudos (Thiago, Elisângela, Lucas, Pablo e Andrea), e do Núcleo Memória, Representações e Práticas Sociais, obrigada por contribuírem com novos olhares, troca de conhecimentos, questionamentos, por serem uma fundamental rede de apoio nessa caminhada acadêmica e por ajudarem a tornar minha trajetória menos solitária.

Aos professores e às professoras do Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFMG), pelas valiosas ocasiões de aprendizado e incalculáveis contribuições ao meu crescimento acadêmico.

Ao meu orientador, Adriano Nascimento, por topar este estudo comigo, pela paciência, por acompanhar a minha jornada, os desafios e pelos ensinamentos ao longo desses anos juntos.

Por fim (e, como sempre, não menos importante!), a minha imensa gratidão às mulheres que participaram das entrevistas. Agradeço a disponibilidade de compartilharem comigo histórias tão preciosas e por contribuírem de forma essencial à realização deste trabalho.

Muito obrigada!

RESUMO

Silva, C. P. L. (2022). *Representação Social do corpo: um estudo sobre a construção social do corpo para mães e filhas negras*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG.

O corpo foi, por muito tempo, entendido como simplesmente um conjunto de órgãos. Atualmente, para além dos seus componentes físicos/biológicos, admite-se que ele é também uma construção social na qual se misturam significados que os indivíduos constroem consigo mesmos, com os outros e com o mundo, sempre considerando elementos históricos, políticos e culturais da sociedade. O presente estudo teve como objetivo principal analisar as representações sociais de corpo para mulheres negras. Para atender a esse objetivo, a pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, contou com procedimento de coleta de dados por meio de roteiro semiestruturado. Foram entrevistadas 11 mulheres negras (mães e filhas), todas moradoras da cidade de Belo Horizonte/MG. As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas à Análise de Conteúdo. Os resultados foram organizados em dois blocos: respostas das mães e respostas das filhas. Esse conjunto de resultados, analisados com o suporte da Teoria das Representações Sociais, indicou que todas as entrevistadas buscam se inserir no padrão de beleza imposto socialmente, sendo que a principal característica desse padrão, segundo elas, é a magreza. Além da magreza, manchas na pele, envelhecimento e cabelo crespo também são características corporais que impedem as mulheres de se adequarem ao padrão estético de beleza. Como estratégias para tentar alcançar esse padrão, as entrevistadas utilizam dietas, atividades físicas e procedimentos de cuidados com a pele e com o cabelo. Tanto o grupo das mães quanto o das filhas mostraram insatisfação com o corpo. Sobre o aprendizado de cuidados com o próprio corpo, mães e filhas indicaram a mãe como fonte privilegiada de ensino. A maior parte das entrevistadas afirmou haver diferenças entre os corpos de mulheres brancas e negras, sendo que a principal diferença apontada foi a imagem social, pois, segundo elas, a imagem social da mulher negra é sexualizada. Outras diferenças apontadas foram: cabelo, percebido o da mulher branca como “bom” e o da mulher negra como “ruim”, e pele, considerados aspectos de tonalidade e exigências específicas nos cuidados. Os resultados mostraram também que as relações com outras mulheres (amigas, outros familiares, colegas de trabalho) são importantes para que as entrevistadas construam as representações sociais de corpo. Por fim, a pesquisa trouxe contribuições para a área da Psicologia Social, principalmente para as representações sociais sobre o corpo, assim como para ampliar o diálogo sobre as diferenças entre o corpo da mulher negra e o corpo da mulher branca.

Palavras-chaves: representação social; corpo; mulher negra

ABSTRACT

Silva, C. P. L. (2022). *Social representation of the body: A study on the construction and social reconstruction of the body for black mothers and daughters* (Master Thesis). Psychology Postgraduate Program. Philosophy and Human Sciences Faculty. Federal University of Minas Gerais. Belo Horizonte.

The body was, for a long time, understood as simply a set of organs. Currently, in addition to its physical/biological components, it is accepted that it is also a social construction in which meanings that individuals construct with themselves, with others and with the world are mixed, always considering historical, political and cultural elements of the society. The main objective of this study was to analyze the social representations of the body for black women. To meet this objective, the research, of a qualitative and exploratory nature, had a data collection procedure through a semi-structured script. Eleven black women (mothers and daughters) were interviewed, all living in the city of Belo Horizonte/MG. The interviews were recorded, transcribed and submitted to Content Analysis. The results were organized into two blocks: responses from mothers and responses from daughters. This set of results, analyzed with the support of the Theory of Social Representations, indicated that all the interviewees seek to fit into the socially imposed standard of beauty, and the main characteristic of this standard, according to them, is thinness. In addition to thinness, skin blemishes, aging and frizzy hair are also body characteristics that prevent women from adapting to the aesthetic standard of beauty. As strategies to try to achieve this standard, the interviewees use diets, physical activities and skin and hair care procedures. Both the mothers' and daughters' groups showed dissatisfaction with their bodies. Regarding learning to care for their own bodies, mothers and daughters indicated the mother as a privileged source of teaching. Most of the interviewees stated that there were differences between the bodies of white and black women, and the main difference pointed out was the social image, because, according to them, the social image of black women is sexualized. Other differences pointed out were: hair, perceived by white women as "good" and black women as "bad", and skin, considered aspects of tone and specific requirements in care. The results also showed that relationships with other women (friends, other family members, co-workers) are important for the interviewees to build social representations of the body. Finally, the research brought contributions to the area of Social Psychology, mainly for the social representations about the body, as well as to expand the dialogue about the differences between the body of the black woman and the body of the white woman.

Keywords: social representation; body; black woman

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Levantamento das pesquisas encontradas.....	23
Tabela 2: Descrição das entrevistadas.....	42
Tabela 3: Com quem conversa sobre o corpo.....	43
Tabela 4: Situações em que conversa sobre o corpo.....	44
Tabela 5: Gosta do corpo.....	44
Tabela 6: Parte do corpo com a qual não está satisfeita.....	45
Tabela 7: O que as pessoas pensam sobre meu corpo.....	45
Tabela 8: Cuidados com o corpo.....	46
Tabela 9: Com quem aprendeu os cuidados com o corpo.....	47
Tabela 10: Como aprendeu os cuidados com o corpo.....	47
Tabela 11: Cuidados marcantes aprendidos.....	48
Tabela 12: O corpo daqui a 10 anos.....	48
Tabela 13: O corpo de dez anos atrás.....	49
Tabela 14: Partes do corpo que não gostavam antes e gostam agora.....	49
Tabela 15: Mudança de percepção sobre o corpo.....	50
Tabela 16: Diferença do corpo branco e o corpo negro.....	51
Tabela 17: Diferença no cuidado do corpo branco e o corpo negro.....	51
Tabela 18: O que é um corpo.....	52
Tabela 19: Conversa sobre o corpo.....	52
Tabela 20: Situações em que conversa sobre o corpo.....	53
Tabela 21: Parte do corpo com a qual não está satisfeita.....	54
Tabela 22: O que as pessoas pensam sobre seu corpo.....	54
Tabela 23: Cuidados com o corpo.....	55
Tabela 24: Com quem aprendeu os cuidados com o corpo.....	55
Tabela 25: Como aprendeu os cuidados com o corpo.....	56
Tabela 26: Qual cuidado marcante a mãe e/ou avó ensinou.....	56
Tabela 27: O corpo daqui a 10 anos.....	57
Tabela 28: O corpo de 10 anos atrás.....	57
Tabela 29: Diferença do corpo branco e o corpo negro.....	58
Tabela 30: Diferenças no cuidado do corpo branco e o corpo.....	59
Tabela 31: O que é um corpo.....	59

LISTA DE SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	Conselho Nacional de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMC	Índice de Massa Corporal
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OMS	Organização Mundial de Saúde
RS	Representação Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TRS	Teoria das Representações Sociais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	12
2. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	15
2.1 Representação Social do corpo.....	18
3. BELEZA CORPORAL.....	20
3.1 Representações Sociais de beleza e de corpo.....	23
4. FEMINISMO NEGRO.....	29
5. OBJETIVOS.....	34
5.1 Objetivo geral.....	34
5.2 Objetivos específicos.....	34
6. MÉTODO.....	35
6.1 Caracterização da pesquisa.....	35
6.2 Escolha das participantes.....	35
6.3 Procedimento de coleta de dados.....	36
6.4 Aspectos éticos da pesquisa.....	39
6.5 Procedimento de análise de dados.....	39
7. RESULTADOS.....	41
7.1 Perfil das entrevistadas.....	41
7.2 Análise do conteúdo.....	42
8. DISCUSSÃO.....	60
8.1 Representação Social do corpo para mães e para filhas.....	60
8.2 Representação Social do corpo negro para mulheres negras.....	67
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES.....	78

1. APRESENTAÇÃO

Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. (GOMES, 2008, p. 149).

O corpo, segundo Camargo, Goetz, Bousfield e Justo (2011), pode ser entendido como o resultado de um programa genético que se desenvolve de acordo com sua plasticidade biocultural. Na representação social, o corpo é entendido como uma construção que se dá na relação do sujeito com o outro. A imagem externa do corpo pode ser entendida como uma mediadora na sociedade em que o sujeito está inserido. A imagem corporal pode ser também compreendida como uma representação mental que o indivíduo cria do seu corpo ou como uma representação mental que o indivíduo cria de si a partir de influências de fatores históricos, culturais, sociais, individuais e biológicos.

O primeiro grande estudo sobre a Representação Social (RS) do corpo foi realizado em 1987, por Denise Jodelet. O corpo, como apresentado pela autora, é um objeto de estudo privilegiado da Teoria das Representações Sociais (TRS), pois ele permite o encontro do social e do individual (Jodelet, 2017). Os esquemas corporais, a imagem do corpo e as representações do próprio corpo se desenvolvem a partir das relações que o sujeito mantém consigo, com os outros e com o mundo.

Segundo Jodelet (2017, p. 271), “o estudo das técnicas do corpo deve ocorrer no interior de um estudo de sistemas simbólicos”. Esta pesquisa propõe fazer uma reflexão do corpo para mulheres negras, sujeito marcado pela agressão, depreciação e exploração do seu corpo. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2017), a remuneração das mulheres brancas é 70% maior do que a das mulheres negras no Brasil: isso é apenas um fator que evidencia a diferença social existente entre a mulher branca e mulher negra.

Falar do corpo negro em um país multirracial não é uma tarefa fácil, mas é necessário, levando em consideração que a maior parte da população, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), é formada por negros (categoria que engloba pessoas pretas e pardas), o que representava 54,9% da população do país.

Adelman (2008) reflete que o corpo feminino é padronizado em forma, tamanho, postura, movimento e outras características. Esses padrões são construídos socialmente, assim

como o padrão estético de beleza. Podemos ver, em nossa sociedade, uma supervalorização dos traços biológicos da raça branca, como cabelo liso, nariz fino, olhos claros, cor de pele clara, entre outras características. Enquanto isso, o corpo do negro é desmerecido e ridicularizado.

O sujeito cria sua imagem corporal a partir de suas percepções e das percepções que o outro tem sobre ele. Essa imagem é constituída por meio de representações sociais que se desenvolvem em suas relações com terceiros. O corpo negro carrega em si uma história de agressão e inferioridade que foi constituída socialmente e que desmerece os traços físicos do negro no Brasil, o que coloca esse sujeito em uma posição de buscar sua beleza em um padrão que se distancia do seu.

Antes de expor este trabalho ao leitor, entendo que cabe abrir brevemente minhas motivações para a realização da pesquisa e, em especial, da temática.

Nascida em uma comunidade pobre, neta e filha de negros e mestiços, lembro-me de ter de lidar com a negritude do meu corpo desde muito nova. Cercada por familiares negros, carregados por traços que marcam e caracterizam sua etnia e carregados de discursos racistas, não diferentes do discurso que as outras pessoas da comunidade onde nasci também tinham, me vi submetida a um padrão no qual nunca me encaixaria – o padrão branco.

Aprendi a lidar com meu corpo com minha mãe, com minha avó e minhas tias. Lembro-me de ter hábitos que marcaram o meu crescimento como mulher negra: o alisamento do cabelo, os procedimentos com a pele e o emagrecimento do corpo. Então, cresci acreditando que realmente precisava mudar o meu corpo para me sentir bonita e aceita.

Ter o corpo negro significou, por muito tempo, não ser reconhecida por minha beleza natural, pelos meus lábios e meu nariz largos, pelo meu cabelo crespo. Essas características não se encaixariam em um padrão de beleza construído socialmente como bonito, o europeu. Esse padrão de beleza imposto em nossa sociedade se caracteriza, como dissemos, pela pele clara, pelos olhos claros, cabelos lisos e narizes finos. Assim, minha trajetória pessoal me possibilitou levantar algumas interrogações que se associam a este estudo.

Em relação à estrutura do texto, para a construção do referencial, utilizamos três tópicos principais: Teoria das Representações Sociais (que engloba a apresentação sobre a Representação Social, a Teoria das Representações Sociais e a Representação Social do corpo); beleza corporal (com a apresentação sobre o que é considerado beleza do corpo em nossa sociedade e a Representação Social de beleza); e, por fim, feminismo negro (que apresenta o surgimento do movimento feminista negro, a teoria da interseccionalidade e como se deu a construção sociocultural e histórica da mulher negra em nossa sociedade). Ainda que essa

divisão seja didática e contribua para o entendimento dos temas, destacamos que muitos deles são transversais e se conectam ao longo dos capítulos.

No capítulo sobre o método, apresentamos a abordagem utilizada para coletar e analisar os dados da pesquisa, mais especificamente aspectos da pesquisa qualitativa, das entrevistas online e da análise de conteúdo.

Como fruto dos dados coletados, apresentamos, na etapa de resultados, duas seções (respostas das mães e respostas das filhas), temas e categorias que emergiram da análise para melhor compreender as vivências corporais das mulheres negras.

Para a discussão, fizemos a articulação dos resultados, principalmente baseada em dois pontos centrais: Representação Social do corpo para mães e para filhas (que engloba como mulheres de diferentes gerações representam seu corpo) e Representação Social do corpo para mulheres negras (que analisa como as mulheres negras representam seu corpo). Nesse momento, destacamos a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Serge Moscovici.

Para fechar o trabalho, trouxemos nossas considerações finais, com a finalidade de pontuar as contribuições, as limitações encontradas e sugerir propostas para estudos futuros.

2. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O termo Representações Sociais (RS) delimita tanto um conjunto de fenômenos quanto a teoria elaborada para explicá-los – Teoria das Representações Sociais (TRS) –, e contempla um amplo campo de estudos de caráter psicossociológico (Sá, 1998). Como fenômeno, as RS se caracterizam como um conjunto que reúne ideias, valores e práticas de indivíduos relacionados a objetos sociais específicos, que circulam em contextos comunicativos que os produzem e reproduzem. Como teoria, agrupa conceitos que, de forma articulada, buscam explicar como os saberes sociais são produzidos, transformados e acomodados no meio social por meio de processos de comunicação e interação social (Jovichelovitch, 2008).

A criação desse campo de estudos foi realizada pelo psicólogo social Serge Moscovici, que nasceu na Romênia, no seio de uma família judia e, devido aos problemas sociais e políticos da época, mudou-se com sua família para outros países. Em 1948, imigrou para a França, onde estudou Psicologia. Em 1961, apresentou sua tese de doutoramento, intitulada *A Psicanálise, sua imagem e seu público*, obra inaugural da TRS. A tese é um estudo de como a Psicanálise penetrou no pensamento popular da população francesa. Nessa pesquisa, Moscovici analisou 2.265 entrevistas provenientes de diversos grupos sociais (profissionais liberais, classe operária, estudantes universitários e estudantes de escolas técnicas, entre outros) e 241 artigos de revistas e jornais publicados entre 1952 e 1953 (Moscovici, 2012).

Segundo Moscovici (2012), Durkheim foi o primeiro cientista a propor o estudo das representações coletivas para descrever aspectos específicos do pensamento social em relação ao pensamento individual. Durkheim dividiu as representações em duas: representações individuais, mais voltadas à Psicologia; e representações coletivas, mais voltadas ao estudo da Sociologia (Moscovici, 2015).

Ainda de acordo com Moscovici (2015), as representações coletivas eram entendidas, por Durkheim, como impostas aos indivíduos, quando agiam como uma força exterior ao sujeito. A partir dessas representações coletivas é que seriam geradas as interações sociais. Para Durkheim, as representações coletivas eram estáveis e a vida social era fundamentalmente formada por representações.

Moscovici (2015, p. 105), por sua vez, usa o termo sociais ao invés do coletivas para destacar que “elas são simbólicas e possuem tantos elementos perceptuais quanto os assim chamados cognitivos”. Segundo Moscovici (2015), as representações são fenômenos que

ocorrem em diferentes sociedades e estão ligados a grupos sociais específicos dessas sociedades. As RS são, sobretudo, uma criação coletiva.

Moscovici (2015, p. 21) define as RS como:

um sistema de valores, ideias e práticas, com dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social.

De forma complementar, Jodelet (2017) afirma que a RS é uma forma de conhecimento prático, que conecta um sujeito a um objeto e organiza as relações simbólicas entre os atores sociais. Assim, a RS é empregada para agir no mundo e nos outros. Segundo Sá (1998), a RS é sempre de um grupo de sujeitos e sobre algum objeto específico. Assim, qualquer representação é a representação de alguma coisa por um alguém coletivo. No âmbito das relações intergrupo, cada grupo constrói suas RS específicas e elas contribuem para a própria diferenciação dos grupos sociais (Vala, 2004).

Representar um objeto é atribuir a ele um signo, é dar-lhe um significado. Quando representamos, nos apropriamos do objeto. Portanto, a representação não é uma instância intermediária, é um processo que torna o conceito e a percepção recíprocos. Assim, o objeto como conceito pode ser tomado como objeto-percepção, logo a RS é o que pensamos do objeto (Sá, 1998).

Considerando-se as relações entre os grupos e a circulação de saberes em uma sociedade, as RS podem ser hegemônicas (ou coletivas), emancipadas ou polêmicas. De acordo com Vala (2004), as RS hegemônicas são equivalentes ao conceito de representação durkheimiana, no qual as representações são significados extensamente compartilhados por um grupo estruturado. As RS emancipadas refletem a cooperação entre grupos e têm como objetivo a troca de significados sobre um mesmo objeto. As RS polêmicas, por sua vez, são geradas no decorrer dos conflitos sociais e são determinadas pelas relações antagonistas ou de diferenciação entre os grupos.

Sá (1998) propõe que existem, pelo menos, seis diferentes perspectivas de estudos das RS. A primeira se relaciona às atividades puramente cognitivas; a segunda perspectiva exacerba os aspectos significantes das atividades representativas; a terceira trata a representação como forma de discurso; a quarta leva a prática social do indivíduo em consideração; a quinta determina a dinâmica das relações das representações; e, na última perspectiva, que é considerada a mais sociologizante, o sujeito é portador de determinações sociais.

Para dar conta dessas perspectivas, a TRS dispõe de abordagens complementares, como a corrente teórica estrutural de Abric, que se ocupa mais dos elementos cognitivos das representações; a abordagem societal de Doise, na qual o foco são as condições de produção e veiculação das RS; e, por fim, a abordagem processual de Jodelet e Moscovici.

Na abordagem processual, pautada em Moscovici (2012; 2015) e em Jodelet (2017), que tomaremos como base para esta pesquisa, evidencia-se a preocupação com a forma pela qual as RS são produzidas e circulam entre os sujeitos, tendo em vista o fato de serem suscitadas pelas necessidades e pelos desejos de grupos variados (Sá, 1998). Sobre esse último aspecto, é de especial interesse a busca por sentidos e explicações sobre o que se percebe como estranho e/ou perturbador por um grupo social (Moscovici, 2015).

Moscovici (2012) apresenta dois processos que formam as RS: a objetivação e a ancoragem.

A objetivação é a forma como se organizam os elementos da representação. Segundo Vala (2013, p. 586), ela “é um processo que permite tornar real um esquema conceitual e dar uma ideia de contrapartida material”. Esse processo se desenvolve em três momentos, sendo eles: a construção seletiva, a esquematização e a naturalização. Na construção seletiva, os elementos de uma mensagem são objetos de redução. Aqui, o objeto se torna breve e preciso, fica mais comunicável e útil. Essa redução é acompanhada de acentuação, em que certos elementos são esquecidos e outros são desenvolvidos como nucleares nas novas mensagens. A esquematização é a organização das informações. A naturalização evidencia os conceitos retidos no esquema figurativo, assim as relações se constituem como categorias naturais e adquirem materialidade, o que faz com que a percepção se torne realidade (Vala, 2004).

Ainda segundo o autor, é a partir da objetivação que compreendemos, no senso comum, as palavras e os conceitos que são transformados em coisas, em realidades exteriores aos sujeitos (Vala, 2004).

Já a ancoragem, de acordo com Vala (2013), é a etapa organizadora das RS. Aqui é realizado um tratamento das informações representadas e são criados pontos de referência. Conceitos e imagens são projetados sobre o objeto não familiar que, a partir de então, são reconhecidos como parte da tradição e memória do grupo social. A ancoragem é uma rede de significados em torno de um objeto que se dá por aproximação de categorias existentes. Segundo Vala (2004), a ancoragem leva à produção de transformações nas representações já constituídas. Esse processo produz a fixação social da representação e do seu objeto. A ancoragem faz com que os pensamentos já existentes se reorganizem em categorias no pensamento.

A RS tem a funcionalidade de orientar a comunicação e o comportamento, ao dar forma às relações sociais nas diversas situações vivenciadas (Sá, 1998). Sendo fundamentalmente um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes, a RS possibilita que a comunicação seja possível entre os membros das comunidades, ao fornecer o código que permite nomear e classificar sem ambiguidade.

Por fim, abordando a relação entre representações e práticas, Moscovici (2012, p. 46) afirma que:

a representação social é a “preparação para a ação”, não só porque guia os comportamentos, mas sobretudo porque remodela e reconstitui os elementos do ambiente no qual o comportamento deve acontecer. Ela possibilita dar sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações na qual está ligado ao objeto.

2.1 Representação Social do corpo

Por muitos anos, o corpo foi estudado apenas nas Ciências Biológicas. Com o passar do tempo, acompanhando modificações na sua percepção social, outras ciências, como a Antropologia, a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia, começaram a se interessar pelo seu estudo (Justo & Alves, 2014).

Segundo Braga, Molina e Figueiredo (2010), o corpo, como objeto de estudos, contempla duas dimensões: uma objetiva, no campo biológico; e outra subjetiva, que é o corpo que se constrói a partir de reflexões, vivências e sentidos. De forma adicional, de acordo com Bôas, Camargo e Rosa (2017), em todas as sociedades, o corpo tem aspectos sociais e físicos entrelaçados. É assim que elementos como tamanhos, formas e traços fenotípicos transmitem informações sobre a posição do sujeito em relação ao gênero e à raça, por exemplo.

Considerando as associações entre traços biológicos e aspectos sociais, Souza (1983, p. 20) afirma que

nas sociedades de classes multirraciais e racistas, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras). A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe, conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante.

Mais especificamente em relação ao corpo da mulher negra, foco do presente trabalho, é preciso considerar que, durante a escravização, as mulheres pretas, além de sofrerem pelo trabalho escravo, tiveram seu corpo explorado sexualmente. De acordo com Gomes (2008), a

presença dessas mulheres no Brasil representou mais que uma marca de corpo, pois produziu também uma marca na alma. Segundo Kilomba (2019), o corpo da mulher negra foi explorado para o trabalho, para fornecer alimento aos filhos dos brancos e para desempenhar o papel de amante.

Segundo Souza (1983), a colonização portuguesa, da forma como foi feita com os africanos, ao tratá-los como escravos e definir seus corpos apenas como objeto de trabalho e de exploração sexual, estabeleceu o lugar do negro na sociedade, o que impôs a maneira do negro de tratar e ser tratado. De acordo com Braga (2020), o padrão de beleza que nasceu em uma sociedade escravocrata era usado como mais uma forma de reprimir a população preta. A estética negra não nasceu de sua origem cultural e identitária, mas do processo em que as pessoas brancas reforçavam um status social inalcançável por pessoas pretas.

De acordo com Gomes (2008), o negro carrega, em seu corpo, a história de violência que foi construída com a sociedade brasileira. Uma das formas de violência utilizadas contra ele era, por exemplo, a raspagem do cabelo, que era vista como uma mutilação. Para muitos negros, o cabelo era considerado uma marca de identidade, de dignidade e era usado como símbolo. O cabelo servia para identificar o estado civil, o pertencimento a algum povo, a idade, a posição social, por exemplo. Kilomba (2019) afirma que o cabelo das pessoas negras foi transformado em um dos mais visíveis estigmas dessa população. Usado para justificar a subordinação dos escravizados, em algumas situações, mais do que a cor da pele, o cabelo se tornou uma poderosa marca de sujeição no período escravocrata. A cor da pele passou a ser aturada pelos senhores brancos, mas o cabelo não. Trazendo a discussão para o século XX, Gomes (2008, p. 20) afirma, de forma direta: “cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos de identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra”.

Outro fator importante ligado ao corpo é a valorização de alguns traços fenóticos. A valorização de certos traços físicos corporais separou os sujeitos em dois grupos, o possuidor de beleza e o grupo que não possuía beleza.

3. BELEZA CORPORAL

Segundo Wolf (2020), a beleza é um sistema ligado ao capitalismo, determinado pela política e se caracteriza como um conjunto de elementos que visam manter o domínio masculino. A beleza não é universal e se modifica de acordo com a cultura, a história e a política. Ainda de acordo com essa autora, a beleza é algo externo, mas também é o que sentimos, é o entrelace da sexualidade e do amor próprio, é conhecida pelo que é visto por fora e pode ser dada ou retirada por outros.

O padrão de beleza construído socialmente, culturalmente e historicamente compõe o que Wolf (2020) chama de o mito da beleza. A autora apresenta três grandes momentos desse mito. O primeiro é caracterizado pelos produtos destinados à organização do lar, pois era o lugar de pertencimento da mulher na sociedade. O segundo momento é caracterizado pela indústria do emagrecimento e do rejuvenescimento, associada às intervenções médicas em cirurgias plásticas. Também encontramos, aqui, a utilização das técnicas de modificação de imagens em revistas, jornais e televisão. O terceiro momento, voltado ao sucesso e ao poder das mulheres, é reforçado pela indústria da moda, para a qual as mulheres sempre devem estar em sua melhor forma. Nesse terceiro momento, também se encontra a emancipação do sexo vivido pelas mulheres em associação com a indústria pornográfica da beleza, o que reforça a subordinação do padrão de beleza das mulheres ao desejo sexual masculino.

Segundo Wolf (2020), o mito da beleza se modifica para fazer com que as mulheres se adaptem, ao colocar em xeque seu próprio poder e fazer com que a beleza não gire em torno da aparência em si, mas seja determinada também pelo comportamento, o que limita o poder das mulheres em todos os níveis da sua vida. Isso gera, nas mulheres, sensações de inferioridade, pois reduz seu amor-próprio e ensinando que elas têm pouco controle e poucas escolhas, ao fornecer uma imagem estereotipada e simplista que deve ser seguida por elas. Essa cultura nivela o que é feminino em beleza-sem-inteligência e inteligência-sem-beleza, pois o corpo e a mente não podem ser valorizados ao mesmo tempo em uma mesma mulher.

De acordo com Bôas, Camargo e Rosa (2017), o movimento da globalização, ocorrido no século XX, produziu uma transformação nos valores relacionados ao corpo, ao diversificar cortes de cabelo, modelos de vestimentas, uso de acessórios e ligar a imagem corporal à saúde. Ainda segundo as autoras citadas, houve transformações no modo de refletir as práticas estéticas e o padrão de beleza se tornou positivo e estimulante. A beleza, que era percebida como uma obra da natureza divina, se transformou em uma conquista individual.

No século XX, ocorreu a luta pela emancipação sexual da mulher, o que também influenciou nos padrões de beleza. Um dos marcos da emancipação feminina foi sua liberdade sexual. Contudo, Wolf (2020), como vimos, assinala que, após o crescimento da indústria da pornografia da beleza, outro padrão surgiu, a “boa” passou a ser aquela mulher “bonita (magra)”, portanto, mais atrativa sexualmente, e a “ruim” passou a ser a mulher “feia (gorda)”, menos atrativa sexualmente. Ainda de acordo com Wolf (2020), o mito do padrão de beleza quer fazer com que as mulheres acreditem que não são belas sexualmente. Se a mulher se sente feia, a culpa é somente dela. A pornografia reforça esse tipo de pensamento, ao inibir a mulher de experimentar algo que ela poderia vivenciar.

O início do século XXI é marcado especialmente pelas tecnologias e redes sociais. A mídia teve grande importância para reforçar o padrão de beleza e vender transformações. Gomes (2008) descreve que as empresas de alisamento, por exemplo, para chamarem a atenção e venderem seus produtos, diminuía e desprezavam os traços das pessoas negras, ao associarem o alisamento dos cabelos a um começo de ascensão social.

Também considerando o início do século XXI, Wolf (2020) reconhece a importância das mídias sociais para a manutenção do padrão de beleza. Adicionalmente, a autora indica o fortalecimento da percepção da velhice como o declínio da beleza da mulher. Tal situação faz com que as mulheres se sintam inseguras quanto ao envelhecimento, pois ter mais idade é possuir menos beleza. Uma das situações associadas com frequência ao envelhecimento da mulher é o aumento de peso. Assim, os ritos de beleza das mulheres estão ligados ao retardo do envelhecimento e à inibição do aumento de peso ou à perda dele. Como consequência, “os ritos nos ensinam a temer nosso futuro, nossos desejos. Viver com medo de nosso corpo e de nossa vida não é viver. As consequências desse medo estão por toda parte” (Wolf, 2020, p. 191).

Na descrição resumida desse conjunto de aspectos sociais, históricos, culturais e políticos do corpo e dos seus padrões de beleza, é possível perceber as transformações das RS do corpo e de beleza na nossa sociedade (Braga, Molina, & Figueiredo, 2010).

Segundo Jodelet (2017), o corpo é um tema privilegiado para a TRS, pois seu estudo permite abordar, ao mesmo tempo e em um mesmo objeto, aspectos sociais e individuais dos sujeitos. De acordo com a autora, o corpo carrega uma relação de tríade do sujeito consigo, com o outro e com o mundo. Essa relação apresenta algumas questões sobre as RS: a primeira é que existe uma relação entre as RS e as representações individuais; a segunda é a existência de um elo entre representação e comportamento; e, por último, há uma relação entre a RS e as mudanças individual e social. Jodelet (2017) traz esses apontamentos considerando os resultados de uma pesquisa cujo relato foi publicado originalmente em 1984 – A Representação

do corpo e suas transformações. Nessa pesquisa, ela compara as RS do corpo em dois grupos separados por uma diferença temporal de 15 anos, para buscar identificar as categorias mentais, os modelos cognitivos e normativos sobre as experiências vividas no corpo e as mudanças do sistema de representação desses grupos. Foi observado que o primeiro grupo representou o corpo de maneira dualística, como corpo e mente. Esse resultado relaciona-se, segundo a autora, às restrições morais, físicas e sexuais da época. Nesse sentido, o corpo era pensado de forma biológica e se distanciava das vivências corporais dos sujeitos. No segundo grupo, 15 anos depois, o corpo passou a ser visto como algo psíquico e de construção social. Assim, a RS aparece, nesse segundo grupo, ligada a elementos mais íntimos da experiência individual. A autora atribui essas percepções às mudanças sociais influenciadas pelo discurso feminista e pela mídia. Em sua pesquisa, Jodelet (2017) conclui que pensar o corpo é inseri-lo em uma rede de determinações e de significados que o tornam, sobretudo, um objeto social.

Jodelet (2017) distingue quatro abordagens do corpo, duas delas subjetivas e duas sociais. As abordagens subjetivas são: a) vivência corporal, que diz respeito à relação que o sujeito mantém com seu próprio corpo; e b) relação do sujeito com o meio ambiente, que permite que a pessoa atribua um papel ao seu próprio corpo. Já as abordagens sociais são: a) interação social, na qual o sujeito aborda o corpo com os dados colhidos junto a outras pessoas ou meios de comunicação; e b) abordagem nocional normativa, que identifica o corpo como objeto biológico, cultural e social. A autora enfatiza a importância do conhecimento socialmente compartilhado na valorização do corpo, o que contribui, assim, para o estudo do corpo à luz da TRS.

Segundo Jodelet (2017), as RS determinam as diferentes maneiras de se sentir e se relacionar com próprio corpo. Além disso, o corpo, submetido às normas sociais, é associado à formação de impressões sobre o outro, o que interfere, assim, nos relacionamentos sociais dos indivíduos. Outro ponto importante evidenciado por Jodelet (2017), ainda baseada na pesquisa mencionada anteriormente, é a diferença na percepção do corpo para homens e mulheres, além das mudanças de percepção, também variáveis segundo o gênero, a partir de transformações sociais e culturais. De acordo com a autora, as transformações dos valores impactam as vivências com o corpo, o que faz com que existam mudanças normativas relativas aos corpos femininos e masculinos que afetam não somente o vivido, mas também os conhecimentos produzidos sobre eles. Ainda que ambos os sexos possuam exigências normativas dos seus corpos, as mudanças de papéis dos gêneros são associadas, principalmente, à aparência e às questões fisiológicas, o que torna as mulheres mais passíveis ao julgamento dos outros. O cuidado feminino com o corpo está associado à adequação às normas, enquanto que o cuidado

masculino é dirigido à ampliação da consciência do corpo (Jodelet, 2017). Em outro texto, Camargo, Justo e Jodelet (2010) afirmam que o corpo humano é formado por hábitos, códigos, símbolos e linguagem culturais que são compartilhados no meio social em que os indivíduos vivem. Para os autores, o corpo objetivo é percebido por meio do corpo subjetivo, e as experiências vividas tendem a modificar a imagem corporal e a relação com o corpo do outro.

Para Silva, Pires e Lara (2018), o corpo é um objeto transgeracional que também sofreu impactos com a modernidade e foi posto na sociedade de consumo em um jogo de trocas simbólicas. Os padrões formados pela sociedade fazem com que os sujeitos busquem o corpo ideal, pois o objeto de desejo também é o objeto de consumo de todos. O grande problema, destacado pelas autoras, é que o corpo instituído como ideal é praticamente impossível de ser alcançado pela maioria das pessoas. Ainda segundo as autoras, o corpo, como um objeto construído e reconstruído social e culturalmente, passa por um processo de transformação constante que marca a história dos sujeitos. Essas transformações sofridas pelo corpo produzem marcadores identitários importantes para os grupos.

Como vimos, o corpo é um objeto de estudo privilegiado para a TRS e a beleza está intimamente ligada a ele, sendo assim, podemos considerar que a beleza corporal também é um objeto privilegiado de estudo das RS, como veremos em alguns estudos a seguir.

3.1 Representações Sociais de beleza

Realizamos uma pesquisa nas plataformas CAPES e SciELO Brasil, com as seguintes palavras chaves: Representação Social do Corpo, Representação Social do corpo negro, Representação Social do corpo para mulheres e Representação Social do corpo para mulheres negras.

Tabela 1

¹Levantamento de pesquisas encontradas

Palavras chaves	CAPES	SciElo Brasil
Representação Social do Corpo	38	50
Representação Social do corpo negro	0	0

¹ Os anos de busca das pesquisas variou de 2001 à 2021

Representação Social do corpo para mulheres	17	11
Representação Social do corpo para mulheres negras	0	0

Fonte: Elaborada pela autora

Apresentaremos a seguir, algumas das pesquisas encontradas.

Buscando estudar o grau de importância que a beleza física pode assumir na relação dos indivíduos, Camargo, Justo e Jodelet (2010), em pesquisa com 443 universitários de ambos os sexos, identificaram que as universitárias apresentaram maior dependência do outro na formação da sua imagem corporal, maior controle do corpo e maior adesão às práticas com o objetivo de se inserirem no padrão de beleza normativo. O corpo, para as participantes da pesquisa, foi pensado a partir das normas estéticas e a integração do indivíduo com o padrão de beleza foi realizada por meio da sua mediação com o outro, pelo julgamento do outro ou por modelos comparativos. Nessa pesquisa, verificou-se que a RS de beleza mais compartilhada entre os estudantes se relacionou aos padrões e às regras socialmente estabelecidos sobre o corpo magro. Além disso, os entrevistados associaram a beleza corporal ao prestígio, à aceitação social e até ao sucesso social. Ainda, foi evidenciado que os mais jovens são os que mais buscam alcançar os padrões impostos associados ao corpo. Os autores afirmam que os cuidados com o corpo apresentam, além de tudo, características e motivações voltadas para o indivíduo, que proporcionam prazer, ligam o corpo às expectativas do seu meio social e, ainda, tornam a aparência corporal um elemento central na interação social.

Em pesquisa sobre as RS de beleza física, que contou com a participação de 120 modelos e não modelos de ambos os sexos, Schlösser e Camargo (2015) encontraram uma tríade formada pela saúde, pela juventude e pelo corpo. Segundo os autores, houve associação, principalmente para as entrevistadas, entre corpo magro e conquista, atração, sedução e popularidade. Tanto para os homens quanto para as mulheres, a beleza física foi posta como superior à saúde e/ou ao cuidado consigo mesmos. De acordo com esse estudo, a RS do belo está ligada aos atributos físicos, que são reforçados pela mídia. Ainda segundo Schlösser e Camargo (2015), os sujeitos da pesquisa avaliaram a busca da beleza como uma procura pela felicidade, pela qualidade de vida e pela atração.

Secchi, Camargo e Bertoldo (2009) realizaram uma pesquisa nas cidades de Lages e Florianópolis, no estado de Santa Catarina, afim de investigar as percepções da imagem corporal e RS do corpo. Participaram desse estudo 278 estudantes de graduação do sexo

feminino, alunas dos cursos de Psicologia, de Educação Física e de Moda. Os autores assinalaram que, como forma de alcançar os padrões estéticos, as estudantes realizaram ou sugeriram o desejo de realizar dietas e cirurgias plásticas. Observou-se, nessa pesquisa, que quanto maior o IMC das participantes, menor era sua satisfação com seu corpo. Tal avaliação esteve acompanhada por uma intolerância aos desvios do padrão ideal de beleza e por uma associação entre gordura e feiura.

Conti, Costa, Peres e Toral (2009) realizaram uma pesquisa sobre a insatisfação corporal com jovens em uma escola particular de ensino fundamental e médio no ABC Paulista (121 adolescentes entrevistados). Nessa pesquisa ficou evidente que as meninas indicam estar mais insatisfeitas com seu corpo e desejam algumas alterações, sobretudo por meio do emagrecimento (atividades físicas e dietas foram estratégias citadas com esse objetivo). As entrevistadas consideraram o corpo magro como o modelo ideal, ao associá-lo, por outro lado, ao desejo de aumentar partes específicas do corpo, como os seios. As entrevistadas também associaram o corpo belo a ganhos sociais.

Passos, Gugelmin, Castro e Carvalho (2013) realizaram uma pesquisa no Rio de Janeiro-RJ, com adolescentes de ambos os sexos (classes populares e médias), sobre RS de corpo belo. Segundo as autoras, os adolescentes de ambas as classes sociais associaram o corpo belo à cirurgia plástica e às práticas de controle de peso, como dietas e atividades físicas. A beleza do corpo também esteve vinculada, segundo a pesquisa, à possibilidade de conseguir emprego e namorado(a) e de despertar desejo no outro, o que exige investimento financeiro e sacrifícios. De acordo com os entrevistados, o corpo bonito é um corpo saudável, mas ter um corpo saudável não significa, necessariamente, ter um corpo bonito. Por fim, as adolescentes se apresentaram mais preocupadas em modelar seus corpos em partes como pernas, nádegas e barriga.

Pesquisa realizada por Miranda, Almeida, Oliveira, Souza e Abranches (2017), com jovens universitários no interior de Minas Gerais, encontrou a associação entre corpo, estética e saúde, sendo que os sujeitos entrevistados identificaram que o corpo magro é o padrão de beleza estético para as mulheres. Ainda nessa pesquisa, as RS de corpo estiveram associadas a atributos físicos como cintura fina, ausência de estria e celulite. Essas características foram consideradas importantes para as mulheres se sentirem bonitas.

Camargo, Justo e Alves (2011) realizaram uma pesquisa sobre a RS de corpo com 79 pessoas de ambos os sexos, jovens (entre 18 e 25 anos) e adultas (entre 40 e 60 anos). Observou-se, nessa pesquisa, uma maior insatisfação corporal entre os jovens. Já os cuidados corporais não se diferenciaram em relação aos dois grupos: todos relataram dietas, exercícios, consultas

médicas e desejo por cirurgias para manter o corpo saudável ou para tentar aproximá-lo dos padrões estéticos mais tradicionais. Sobre a RS do corpo, os pesquisadores observaram que há um predomínio do elemento saúde e que esse elemento é mais significativo entre o grupo adulto.

Justo, Camargo e Alves (2014) realizaram pesquisa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na qual participaram 79 pessoas de ambos os sexos, jovens e adultos. O estudo tinha como objetivo investigar o papel geracional nas RS de corpo. Os autores observaram uma ligação dos atributos considerados importantes no corpo com a profissão e a tradição familiar. O estudo indicou que membros de uma mesma cultura ou grupo social, e até mesmo em uma mesma etapa da vida, representam o corpo de maneiras diferentes e isso se dá devido ao contexto imediato, e que também há diferenças nas RS de corpo segundo o gênero dos entrevistados. O corpo é considerado, pelos participantes da pesquisa, em dois contextos: o individual, que está ligado à saúde; e o social, que está ligado à beleza, ancorada na interação do indivíduo com o mundo e na forma como ele se apresenta ao seu meio.

Secchi, Camargo e Bertoldo (2009) realizaram uma pesquisa sobre a percepção da imagem corporal e as RS do corpo que contou com a participação de 278 estudantes de graduação do sexo feminino das cidades de Lages e Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Observou-se, nesse estudo, que, quanto maior era o Índice de Massa Corporal (IMC), menor era a satisfação das estudantes em relação aos seus corpos. Os autores concluíram que isso se deu devido à imagem do corpo feminino permanecer associada à beleza, à magreza, ao poder e ao status, que exercem a função de atração. Com isso, boa parte das estudantes viram seus corpos como distantes do corpo apresentado como ideal.

Camargo, Goetz, Bousfield e Justo (2011) realizaram uma pesquisa sobre as RS do corpo com 235 estudantes universitários de duas instituições do estado de Santa Catarina. Os autores observaram, em sua pesquisa, que a RS do corpo tem como alicerce “elementos ligados a saúde, estética e movimento. Os cuidados com o corpo, que envolvem a prática de atividades físicas de forma equilibrada, com consciência e visando o bem-estar aparecem como possíveis elementos periféricos” (Camargo, Goetz, Bousfield, & Justo, 2011, pp. 264-265). Os autores concluíram que está ocorrendo um movimento crescente de culto à beleza corporal e que isso fica evidente na RS dos jovens participantes da pesquisa. Por fim, identificaram que o padrão de beleza corporal é apresentado pelos entrevistados como uma imposição a ser seguida e dá ênfase à magreza, ao jovem e ao branco.

Pesquisa realizada por Braga, Molina e Figueiredo (2010), no Espírito Santo, procurou identificar a RS de corpo para adolescentes de camadas populares. Segundo os sujeitos

entrevistados, o corpo magro, definido e bem cuidado é o corpo ideal. Os pesquisadores ainda observaram que a insatisfação com o corpo foi relatada por ambos os sexos, mas sobressaiu no sexo feminino. Segundo a pesquisa, a magreza representa competência, sucesso e atrativos sexuais. Já o excesso de peso esteve associado à insatisfação, principalmente para o público feminino.

Passos, Gugelmin, Castro e Carvalho (2013) realizaram uma pesquisa sobre as RS de corpo no Rio de Janeiro-RJ, com adolescentes (entre 13 e 18 anos), de ambos os sexos, das classes popular e média. Segundo as autoras, à avaliação de corpo belo foram associadas a cirurgia plástica e as práticas de controle de peso, como dietas e atividades físicas. A beleza do corpo vinculou-se também à percepção de maior probabilidade para conquistar emprego, namorado e despertar desejo no outro. Por fim, um corpo belo, para esses adolescentes, exige investimento financeiro e sacrifícios.

Pesquisa realizada por Miranda, Almeida, Oliveira, Souza e Abranches (2017), com jovens universitários no interior de Minas Gerais, encontrou a associação entre corpo, estética e saúde, e os sujeitos entrevistados identificaram que o corpo magro é o padrão de beleza estético para as mulheres. Ainda nessa pesquisa, as representações de corpo estiveram associadas a atributos físicos como cintura fina, ausência de estrias e celulites. Essas características foram consideradas importantes para as mulheres se sentirem bonitas.

Gostaríamos de esboçar um primeiro conjunto de pontos em comum nesse conjunto de pesquisas:

- a) o corpo feminino é associado de forma recorrente à beleza; a beleza, por sua vez, é associada à magreza; e à magreza são atribuídos poder, status e saúde;
- b) existe uma tênue diferença entre beleza e saúde, que pode criar transtornos relacionados à imagem corporal. Nas pesquisas aqui apresentadas, a beleza é identificada como um corpo magro, delineado e sem marcas na pele. A feiura é representada pelo sobrepeso e pelo excesso de gordura corporal;
- c) como estratégia para alcançar o corpo belo, as mulheres utilizam estratégias como dietas e atividades físicas;
- d) apenas uma das pesquisas relatadas considerou a questão racial como elemento importante no modelo de corpo ideal. Nenhuma das pesquisas considerou, entretanto, que poderiam haver especificidades na percepção do corpo segundo a raça dos/as entrevistados/as.

No presente estudo, consideraremos, como fatores importantes, o sexo e raça das entrevistadas, afim de investigar as diferenças de RS do corpo para mulheres negras. Levamos em consideração essas duas características, pois, como veremos a seguir, a construção social, cultural e história entre a mulher branca e a mulher negra se deu de maneira diferente.

4. FEMINISMO NEGRO

Salientamos que, neste capítulo foi utilizado apenas autoras mulheres e utilizaremos o primeiro e último nome das autoras, como forma de fortalecer e dar a evidência a importante participação dessas autoras para presente pesquisa e pesquisas futuras.

Segundo Djamila Ribeiro (2018) e Céli Pinto (2010), o movimento feminista teve início no século XIX, nos países europeus e se estendeu, posteriormente, a outros continentes. As autoras citam três ondas que delimitam períodos de grandes conquistas desse movimento. A primeira onda é marcada pelo direito das mulheres ao voto e à vida pública. No Brasil, um marco dessa primeira onda foi a fundação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1922, que tinha como objetivo a luta pelo sufrágio feminino e pelo direito ao trabalho sem depender da autorização do marido.

De acordo com Djamila Ribeiro (2018) e Cintia Crescêncio e Gleidiane Ferreira (2021), a segunda onda teve seu início em 1970 e foi marcada pela valorização do trabalho feminino (fora do lar), pelo direito ao prazer sexual, pela luta contra a violência sexual e pela resistência à ditadura militar. Um marco desse período foi o surgimento da pílula anticoncepcional, que se popularizou, primeiro, no Estados Unidos e, tardiamente, chegou ao Brasil. De acordo com Djamila Ribeiro (2018), no final da década de 1970, houve também o avanço do feminismo negro no país, que trouxe a crítica de que o feminismo, discutido até então, não abarcava todas as mulheres.

A terceira onda do feminismo teve início em 1990. Seus grandes marcos foram: a discursão da micropolítica, a crítica ao discurso universal e excludente (crítica da universalização da categoria “mulheres”), e a desconstrução das Teorias Feministas e das representações que refletiam a categoria de gênero de acordo com o binômio homem/mulher. (Djamila Ribeiro, 2018).

Autoras como Fabiana Martinez (2021), Amanda Soares e Jane Mazzarino (2021) e Raquel Miguel, Djenifer Marx e Gilmara Arndt (2020) têm considerado o possível surgimento de uma quarta onda ligada ao surgimento e à apropriação das mídias digitais pelas ativistas dos movimentos feministas. Segundo Amanda Soares e Jane Mazzarino (2021) e Raquel Miguel, Djenifer Marx e Gilmara Arndt (2020), o surgimento da quarta onda se deu em meados de 2010 e foi fortemente associada à popularização de novas pautas em plataformas digitais, como Facebook, Twitter, YouTube e Instagram. Segundo as autoras, algumas das pautas mais discutidas pela quarta onda são os padrões de beleza impostos e difundidos, até mesmo pelas próprias redes sociais, o racismo, a xenofobia e a LGBTfobia. Além dessas discussões, as

antigas pautas ainda ocupam grandes espaços de discussão dentro do movimento, como a discussão sobre os conceitos de sexo e de gênero.

Segundo Auxiliadora Matos e Maria Lopes (2008), o conceito de gênero sofreu diversas transformações associadas à reflexão sobre a (des)naturalização do corpo. Inicialmente, o termo gênero era utilizado para nomear o que era construído socialmente em oposição ao sexo (biológico). Em algumas perspectivas, o sexo era aquilo que se encontrava fora da cultura e da história e permanecia na diferença de masculino e feminino. Ainda segundo as autoras citadas anteriormente, no debate contemporâneo, algumas teorias feministas afirmam que é o gênero que cria o sexo e que o sexo é, portanto, também uma construção cultural e histórica.

Assim, segundo Dagmar Meyer (2004, p. 15),

o conceito de gênero remete a todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. [...] Por último, e de forma importante, essa abordagem do gênero implica considerar que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino.

Segundo Natércia Bambirra e Teresa Lisboa (2019), nas culturas heterogêneas e multirraciais, como a nossa, é importante reconhecermos que tanto a raça quanto o gênero são marcadores sociais importantes. As autoras Naiana Patias *et al.* (2021), por sua vez, afirmam que ser mulher negra produz no ser mulher uma subvalorização. Assim, essa mulher só pode ser representada por uma articulação entre os movimentos antirracista e feminista.

De acordo com Natércia Bambirra e Teresa Lisboa (2019), o movimento feminista negro surgiu nos Estados Unidos, influenciado pela tensão entre dois movimentos, o abolicionismo e o sufragismo, pois a combinação de racismo e sexismo excluiu as mulheres negras desses dois movimentos. Ainda segundo Natércia Bambirra e Teresa Lisboa (2019), são pautas do movimento feminista negro: igualdade de oportunidade salarial; violências que atingem a população negra, mais especialmente as mulheres pretas; aceitação da estética negra; e aceitação de suas origens. As autoras reforçam a importância de desconstruirmos a categoria “mulher”, pois ela carrega um aspecto universal pautado no feminismo branco.

Derivada dessa última onda, temos a discussão sobre a interseccionalidade. Segundo Carla Akotirene (2019), a interseccionalidade é uma/um teoria/método/instrumento surgido a partir da militância feminista negra, pensada pelas intelectuais pretas que não se viam

contempladas pelas ondas feministas anteriores, protagonizadas sobretudo por mulheres brancas, que não tinham vivenciado experiências de/na colonização.

A autora citada ainda ressalta que o termo interseccionalidade deve ser empregado aos padrões que são discriminados em nossa sociedade, como raça, gênero, religião, classe social, entre outros. Em sua proposta, essa teoria nos permite ter uma crítica política sobre como se deu a construção da identidade da mulher negra em nossa sociedade (Carla Akotirene, 2019). De acordo com Carla Akotirene (2019), a construção da identidade da mulher negra passa tanto pelo viés do feminismo quanto pelo do racismo e é necessário reconhecermos essas duas características que colocam a mulher negra em um lugar específico em nossa sociedade. “Toda interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (Carla Akotirene, 2019, p. 48).

A interseccionalidade é defendida por Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) como:

a conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento.

Também no Brasil, os movimentos existentes antes da década de 1970 fizeram com que a mulher negra não se sentisse totalmente abarcada pelas lutas feminista e antirracista. Segundo Djamila Ribeiro (2019), a mulher negra é forasteira do movimento feminista, pois ela está fora e dentro do movimento ao mesmo tempo em que busca seu lugar de sujeito político. A mulher negra faz parte de um grupo de mulheres que trabalharam durante séculos, nos campos, nas fazendas, na casa grande da família branca, cuidando dos filhos dos brancos, nas ruas, como prostitutas, entre outros lugares. Assim, quando o movimento feminista das mulheres brancas começou a solicitar da sociedade espaço no mercado de trabalho, as mulheres negras não se sentiram abarcadas, pois já estavam no trabalho há muito tempo. Essa é uma das particularidades que caracterizam as mulheres negras e não as brancas. De acordo com bell hooks (2019), outra violência vivenciada pelas mulheres negras desde a captura da África até a chegada ao país colonizado é que algumas dessas mulheres estavam grávidas antes de serem capturadas ou compradas, e foram obrigadas a passar pela gestação sem cuidados com alimentação, exercício físico e assistência para o parto. Essa foi uma das muitas agressões vivenciadas pela mulher preta, mas não pelas mulheres brancas.

bell hooks (2019) ainda afirma que a área em que é possível ver a maior diferença entre o homem negro e a mulher negra é no trabalho. O homem negro foi muito explorado para realizar trabalhos no campo, nas baias e outros trabalhos considerados pesados. Já a mulher negra foi explorada para realizar trabalhos do campo, atividades domésticas, funções de reprodutoras e ser objeto para assédio sexual.

De acordo com Djamila Ribeiro (2019), as mulheres negras fazem parte de um grupo de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher em nossa sociedade é o da mulher branca. Mulheres negras não entram no mito de fragilidade feminina, pois nunca foram tratadas como frágeis. É por isso que “um feminismo negro construído em sociedades multirraciais tem como principal eixo articular o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero” (Djamila Ribeiro, 2019, p. 47).

Segundo Djamila Ribeiro (2019), por muito tempo, foi negado à mulher negra o autoconhecimento. A partir de estudiosas feministas negras, foi possível começar a refletir sobre nosso lugar de fala. O lugar de fala da mulher preta em nossa sociedade começou a ganhar espaço. A autora reflete o fato de que, para que seja possível descolonizarmos o conhecimento, temos de nos atentar para a identidade social e em como algumas identidades têm sido silenciadas na história.

Historicamente, a colonização rompeu com a feminilidade da mulher negra, ao retirar dela o sentido do que é ser uma mulher (Djamila Ribeiro, 2018). Segundo Djamila Ribeiro (2019), a importância da mulher negra se autodefinir e se avaliar é que, assim, ela valoriza a consciência do seu próprio ponto de vista e da sua imagem. Essa é uma forma de resistir à desumanização que forma o sistema de dominação. Assim, a mulher negra sairia do lugar de objeto.

Ainda segundo Djamila Ribeiro (2019), quando se fala do direito à existência digna, estamos falando do lugar social que o sujeito ocupa. Esse lugar cria dificultadores que impossibilitam a fala de alguns sujeitos. O lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências e perspectivas diferentes das dos outros sujeitos, o que possibilita sair do lugar político de sujeito universal. Os grupos subalternos não têm lugar de fala, pois sua humanidade não foi reconhecida. Assim, a relação de raça e gênero aflige a existência da mulher negra desde o período escravocrata. Essa mulher deixa seus filhos para amamentar o filho de outras mulheres, é objeto de trabalho e exploração sexual e, mais tarde, essa mulher sai da sua casa para cuidar da casa e dos filhos de outras pessoas, e não pode, novamente, cuidar de seus próprios filhos.

É no contexto dessa discussão que Cintia Crescêncio e Gleidiane Ferreira (2021), afirmam que as críticas feministas ainda continuam passando por transformações e têm buscado refletir o sujeito colonial e os impactos da colonização para os grupos minoritários. Com o surgimento da quarta onda, cada vez mais, os movimentos feministas têm refletido como as interseccionalidades são importantes para pensarmos os sujeitos dentro desses movimentos, ao possibilitar fazer novas construções de feminismos.

5. OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Identificar e analisar a RS do corpo para mulheres negras.

5.2 Objetivos específicos

- Analisar as RS do corpo para o grupo de mães e para o grupo de filhas;
- Identificar o sentido de corpo, segundo as entrevistadas;
- Identificar e descrever as práticas corporais, inclusive intergeracionais, relacionadas à estética e aos cuidados com o corpo;

6. MÉTODO

Para alcançar os objetivos propostos nesta dissertação, apresentamos, a seguir, a metodologia utilizada. Descrevemos a caracterização da pesquisa, o contexto em que a coleta de dados se deu (com a busca dos participantes), os procedimentos de coleta de dados, aspectos éticos envolvidos e, por fim, as etapas da análise de dados.

6.1 Caracterização da pesquisa

Os aspectos metodológicos dessa pesquisa, foi fundamentado nos pressupostos da pesquisa qualitativa, que, de acordo com Minayo (2007), se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ao penetrar em aspectos mais intensos das relações, dos processos e dos fenômenos, e possibilitar, assim, um estudo que apresenta uma compreensão e uma interpretação ainda mais completas da realidade. Segundo a autora, “o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos” (Minayo, 2007, p. 21).

A pesquisa qualitativa se adequa ao foco de nossa pesquisa, que é a exploração do conjunto de representações sociais do objeto que queremos investigar. Segundo Flick (2004), é importante ter um objeto de estudos bem delimitado na pesquisa qualitativa e, mais importante ainda, determinar o método de análise utilizado.

6.2 Escolha das participantes

Como já assinalado, o presente estudo teve como objetivo identificar e analisar as RS de corpo para mulheres negras, considerando inclusive elementos intergeracionais, por isso, foram entrevistadas exclusivamente mulheres negras. Assim, para a formação do grupo de entrevistadas, elencamos as seguintes características: a) ser mulher negra; b) ter mãe ou filha que também se dispusesse a participar da pesquisa; c) as mães deveriam ter entre 45 e 60 anos

e as filhas entre 18 e 30 anos. Algumas entrevistadas já eram conhecidas da pesquisadora e indicaram outras mulheres que também poderiam ser convidadas para as entrevistas. Ao todo, foram entrevistadas 11 mulheres (quatro duplas mãe/filha e um trio mãe/filhas).

6.3 Procedimento de coleta de dados

Na pesquisa de base qualitativa existem algumas possibilidades de instrumento de coleta de dados, dentre elas, a entrevista individual. Segundo Manzini (2004), podem existir três tipos diferentes de entrevistas: estruturada (diretiva e fechada); semiestruturada (semidiretiva ou semiaberta); e não estruturada (aberta ou não diretiva). Para o autor, na modalidade semiestruturada, algumas perguntas ou temas são elaborados antes da entrevista e outras podem aflorar no momento da interação com o entrevistado. Para Flick (2004), o roteiro semiestruturado é um conjunto de questões abertas, previamente elaboradas, que servem como guia para a condução da entrevista. Assim, entendemos que a escolha pela entrevista semiestruturada nos ajudaria a ter temas orientadores para nos aproximarmos da vivência das mulheres negras, e também garantiria espaço para compreender a singularidade de suas experiências, pois permitiria que temáticas significativas de suas vivências corporais emergissem.

Posteriormente à definição do instrumento de coleta de dados (entrevista com roteiro semiestruturado), foi realizada uma pesquisa teórica para a construção de perguntas que iriam guiar o encontro com as mulheres participantes de nossa pesquisa.

As perguntas elaboradas foram construídas a fim de verificar qual representação social as mulheres fazem do seu corpo, quais as concepções de corpo, se tinham cuidados específicos com o corpo, se eles diferenciavam entre mães e filhas, e se existe diferença entre o corpo da mulher branca e o corpo da mulher negra (Apêndice A).

Com a finalidade de verificar a estrutura e a clareza do roteiro de entrevista elaborado, conforme sugerido por Breakwell (2010), foi realizada uma entrevista em fase de teste (que não foi utilizada na análise de dados). Após essa entrevista, a participante deu um retorno positivo a respeito das perguntas realizadas e foram feitos ajustes apenas na ordem das perguntas.

Todas as entrevistadas responderam ao mesmo questionário e foram realizadas as mesmas perguntas para todas as envolvidas.

O contato inicial com as entrevistadas foi feito por meio de mensagem de texto pelo aplicativo WhatsApp e todas as mulheres contatadas aceitaram imediatamente participar da entrevista. Todas as entrevistas foram em formato *on-line*, via chamada de vídeo, devido ao contexto em que ocorreu o trabalho. A pesquisa foi realizada no ano de 2020, durante uma pandemia decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a partir do mês de março, em decorrência do vírus coronavírus (*Coronavirus disease, COVID-19*²), que afetou fortemente o Brasil. Com a pandemia ainda em andamento no segundo semestre de 2020 e com o distanciamento social sendo fortemente recomendado, as entrevistas foram programadas e agendadas para acontecer de forma online. Segundo Flick (2004), essa modalidade é a que mais se aproxima da entrevista presencial e, de acordo com Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020), existem cinco pontos fortes das entrevistas online. O primeiro é que, com a utilização de ferramentas que permitem conexão de longa distância, é possível ter uma maior abrangência geográfica. O segundo é a economia de recursos financeiros e a redução de tempo para a coleta dos dados. O terceiro é a possibilidade de manter a entrevistadora e as entrevistadas em segurança, devido à situação atual da COVID-19. O quarto é a facilidade de investigar temas sensíveis, já que as entrevistadas não estão face a face e podem estar em um ambiente mais privado e acolhedor. O quinto e último é o acesso a grupos socialmente marginalizados e estigmatizados, pois são menos acessíveis e, em algumas circunstâncias, podem não se sentir à vontade em se deslocar e se expor em locais públicos, como universidades, bibliotecas, parques ou outros locais.

As entrevistas foram realizadas por meio do Google Meet e do WhatsApp. As plataformas foram escolhidas de acordo com a sugestão das entrevistadas, levando em consideração qual plataforma as mulheres tinham maior familiaridade ou praticidade. Os agendamentos aconteceram de acordo com o melhor dia e horário para as entrevistadas. Quando a plataforma utilizada era o Google Meet, um dia antes da entrevista era gerado um link e encaminhado para a entrevistada; quando a plataforma escolhida era o WhatsApp, era enviada uma mensagem no dia anterior para confirmar o horário e o dia da entrevista, afim de evitar problemas de desmarcação das entrevistas ou de mudança de plataforma. Devido à possibilidade de flexibilização de dia e horário, as entrevistas foram marcadas apenas uma única vez, não houve desistências e nem remarcações. Ao iniciar as entrevistas, era retomada a

² A COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>>. (Acesso em: 23 out. 2021.)

proposta da pesquisa. Além disso, era perguntado as participantes sua cor ou raça, pois, só poderia ser dado continuidade na entrevista se a mulher se reconhecesse enquanto mulher negra ou parda. Posteriormente, era realizado a averiguação se havia alguma dúvida e a solicitação da autorização para a gravação do áudio. Devido ao fato de o WhatsApp não permitir gravação, as entrevistas realizadas por esse aplicativo tiveram o áudio gravado pelo aplicativo de som do notebook e, nas entrevistas realizadas pela plataforma Google Meet, o áudio foi gravado pelo aplicativo de áudio do celular.

Durante a realização das entrevistas foi solicitado que as entrevistadas estivessem, se possível, sozinhas em algum cômodo, para que pudessem ficar mais à vontade para responder as questões. As mães se mostraram mais desinibidas do que as filhas, mesmo que muitas afirmassem que esse tema não era muito discutido por elas. Ainda afirmaram que tinham o hábito de falar sobre o corpo do outro e não sobre o próprio corpo.

Cabe destacar que as entrevistas virtuais em muito se assemelham à modalidade presencial. Ainda segundo diversos estudos apurados por Gray *et al.* (2020), ao comparar pesquisas que utilizaram entrevista de forma presencial e em formato virtual como forma de coleta de dados, não foram encontradas diferenças na qualidade nesses dois formatos. De acordo com os autores, alguns estudos demonstraram ainda que os participantes estavam mais abertos e expressivos no formato online. As entrevistas aconteceram em dias e horários variados. Somente as entrevistas de uma dupla de mães e filhas não foram realizadas no mesmo dia.

Ainda que tenham semelhanças, pontuamos alguns desafios que encontramos na modalidade: percebeu-se uma dificuldade maior das mães em manusearem os aparelhos eletrônicos para as videochamadas e uma delas precisou de ajuda direta e frequente da filha para a realização da entrevista. O segundo desafio diz respeito à conexão de internet: em alguns momentos, houve oscilação de sinal da internet, que interrompeu temporariamente a comunicação por áudio e vídeo. Embora esses incidentes tenham sido breves, posto que a conexão logo era restabelecida, tal fato implicava em retomar algumas perguntas ou respostas.

Ao todo foram realizadas 11 entrevistas (conforme detalhado na apresentação dos resultados) que foram gravadas, com a autorização prévia das entrevistadas. O tempo das entrevistas variou entre 30 minutos e 1:12 hora, sendo que as entrevistas com as mães foram mais longas. De acordo com Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020), a coleta de dados online demanda algumas adaptações dos envolvidos. Nos casos das entrevistas, os autores reforçam a importância de não estender demasiadamente a duração das videochamadas, pois isso pode causar cansaço às participantes.

6.4 Aspectos éticos da pesquisa

Ainda a respeito da coleta de dados, cabe ressaltar os aspectos éticos que envolveram a pesquisa. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e aprovado sob o Parecer n.º 4.488.844, conforme a Resolução n.º 466, de 13 de junho de 2013, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). As entrevistadas foram convidadas a participar após uma breve apresentação da pesquisa, de seus objetivos e a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B). Nesse momento as participantes também foram esclarecidas sobre o direito de retirada do consentimento a qualquer instante e foi reforçada a garantia do sigilo de suas identidades. Por fim, foi perguntado se havia alguma dúvida em relação à pesquisa e à sua participação.

6.5 Procedimento de análise de dados

Posteriormente à coleta de dados, os áudios das entrevistas realizadas foram transcritos na íntegra pela pesquisadora em um documento no Word. A transcrição de todas as entrevistas resultou em um documento com 66 páginas.

Após a transcrição, a análise do material seguiu embasada no delineamento qualitativo, por meio da técnica de Análise de Conteúdo (AC), que, de acordo com Bardin (1997, p. 38), “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Segundo Franco (2012, p. 13), a AC procura conhecer o que está por trás das palavras,

a Análise de Conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. [...] como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação.

Bardin (1997) estabelece a AC em três etapas: a) pré-análise; b) exploração do material; e c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise tem como objetivo organizar a análise que será realizada posteriormente. A exploração do material tem como atributo sua codificação. Nessa etapa, o material recolhido passa por um tratamento, no qual é decodificado e separado em categorias. Devido a esse processo, é possível alcançarmos uma

representação do conteúdo. Na terceira etapa, os resultados finais são trabalhados com o objetivo de tentar garantir que sejam significativos, válidos e fidedignos.

Seguindo essas três etapas propostas por Bardin (1997), após a realização da transcrição literal das nossas entrevistas, dividimos as respostas em dois grupos, sendo que o primeiro foi com as respostas das mães e o segundo com as respostas das filhas. Em seguida, ainda fizemos uma segunda separação por grupos de perguntas e respostas, que resultou nos seguintes blocos: conversa sobre o corpo, cuidados com o corpo, e o que é um corpo. As unidades temáticas encontradas em cada grupo foram enumeradas, classificadas e (re)agrupadas por proximidade de temas e significados comuns, com a intenção de atingir uma representação do conteúdo e de sua expressão. Na última etapa, as categorias foram organizadas em tabelas, com o número de respondentes. Vale salientar que, na descrição dos resultados, foram utilizados nomes fictícios para todas as entrevistadas, atendendo ao critério de sigilo de suas identidades, conforme pontuado no TCLE.

7. RESULTADOS

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, será apresentado o perfil sociodemográfico das participantes. Na segunda, serão apresentadas as categorias, a frequência de respostas para cada uma dessas e trechos ilustrativos das falas das entrevistadas.

7.1 Perfil das entrevistadas

Participaram do estudo 11 mulheres negras, divididas em duas categorias: de mães, com cinco entrevistadas; e de filhas, com seis entrevistadas. A faixa etária das mães variou entre 49 a 59 anos de idade, sendo que a média de idade foi de 54,6 anos. Em relação ao estado civil das mães, três eram casadas, uma era solteira e uma era divorciada. Sobre a formação/grau de escolaridade, duas tinham ensino superior completo e três tinham ensino médio completo. Sobre a ocupação/profissão das mães, uma era costureira, uma era aposentada, uma era concursada, uma era coordenadora e uma estava desempregada. Em relação às filhas entrevistadas, a faixa etária variou entre 18 e 28 anos de idade, e a média de idade foi de 22 anos. Sobre o estado civil das filhas, todas as seis eram solteiras. Em relação à formação/grau de escolaridade, uma possuía ensino superior completo, duas estavam cursando ensino superior e três possuíam ensino médio completo. Sobre a ocupação/profissão das entrevistadas, duas eram estudantes do ensino superior, uma era estudante do ensino médio/técnico, uma era psicóloga, uma era modelo e uma era balconista. Das filhas entrevistadas, apenas uma tinha filhos.

Tabela 2
³Descrição das entrevistadas

Nome	Vínculo familiar	Idade	Profissão	Escolaridade	Raça	Estado civil
Fabiana	Filha	28	Psicóloga	Superior em psicologia	Parda	Solteira
Fabiola	Filha	23	Secretária de ar-condicionado	Superior incompleto	Parda	União estável
Fabírcia	Filha	24	Modelo	Ensino médio completo	Negra	Solteira
Felipa	Filha	19	Estudante de odontologia	Cursando superior	Negra	Solteira
Flávia	Filha	20	Estudante de medicina	Cursando superior	Negra	Solteira
Flora	Filha	18	Estudante	Cursando 3º anos ensino médio	Negra	Solteira
Marcela	Mãe	53	Professora fundamental aposentada	Superior em pedagogia	Negra	Casada
Márcia	Mãe	59	Concursada	Ensino médio completo	Parda	Casada
Maria	Mãe	49	Desempregada	Superior incompleto	Negra	Divorciada
Marta	Mãe	59	Costureira Modelista	Ensino médio completo	Negra	Casada
Mônica	Mãe	53	Coordenadora de unidade de acolhimento institucional	Superior em Serviço Social	Negra	Divorciada

Fonte: Elaborada pela autora

7.2 Análise do conteúdo

Objetivando uma melhor organização do capítulo, dividimos a apresentação dos resultados da AC em duas seções: respostas das mães e respostas das filhas.

³ A escolha dos nomes foi realizada pela autora, afim de manter o sigilo das entrevistadas.

RESPOSTAS DAS MÃES

1. Conversa sobre o corpo

A Tabela 3 apresenta cinco categorias que identificam as pessoas com as quais as entrevistadas conversam sobre o corpo.

Tabela 3
Com quem conversa sobre o corpo

Categorias	F
Filha	3
Amigas/colegas	2
Irmã	1
Sobrinhas	1
Não conversa sobre o corpo	2
Total	9 ⁴

Fonte: Elaborada pela autora

Como visto, três das cinco mães conversam sobre o corpo com sua(s) filha(s). Além disso, conversam sobre o assunto com amiga(s)/colega(s), irmã e/ou sobrinha: “*converso muito com minhas sobrinhas*” (Mônica).

Duas mães responderam que não conversam sobre seu corpo: “*não converso sobre o meu corpo. Tudo que eu sei aprendi sozinha, com a vida*” (Maria).

2. Quando se conversa sobre o corpo

Solicitadas a elencarem as situações nas quais conversam sobre o corpo, duas das três mães afirmaram que não há momentos específicos (Tabela 4). Como momentos lembrados, apareceram as seguintes situações: quando há insatisfação com o corpo, no trabalho ou quando uma delas encontra as irmãs. “*Não tem um momento específico [...] quando nós nos encontramos, o assunto acontece [...] o assunto é geral né, todo mundo na terceira idade*” (Marcela).

⁴ As entrevistadas poderiam apontar mais de uma resposta. Sendo assim, o total de respostas pode ser maior que o número de entrevistadas.

Tabela 4
Situações em que conversa sobre o corpo

Categorias	F
Momentos de insatisfação com o corpo	1
No trabalho	1
Quando encontra as irmãs	1
Total	3

Fonte: Elaborada pela autora

3. Gostar do corpo

Perguntadas se gostam do próprio corpo, as entrevistadas se dividiram (Tabela 5). Duas mães responderam que estão satisfeitas com seu corpo: “*gosto sim do meu corpo. Não gostaria de mudar nada*” (Marcela). Duas mães disseram que gostam de seu corpo, mas não de todas as partes. Por fim, uma delas afirmou que não gosta do seu corpo: “*atualmente, eu não gosto do meu corpo. [...] Eu não tenho vergonha do meu corpo, [...] [mas] antes eu gostava do meu corpo*” (Márcia).

Tabela 5
Gosta do corpo

Categorias	F
Sim	2
Sim, mas não de todas as partes	2
Não	1
Total	5

Fonte: Elaborada pela autora

4. Não está satisfeita com algumas partes do corpo

As três mães que se disseram insatisfeitas (totalmente ou parcialmente) com o corpo indicaram que os motivos da insatisfação são o abdômen e os seios (Tabela 6). “*O peito também caiu, então, assim, eu não tenho problemas, mas, particularmente, eu não acho bonito. Antigamente, eu também não gostava, porque eles eram muito grandes*” (Márcia).

Tabela 6
Parte do corpo com a qual não está satisfeita

Categorias	F
Não está satisfeita com o abdômen	3
Não gosta do seio	2
Total	5

Fonte: Elaborada pela autora

5. Partes do corpo com a qual está satisfeita

Nessa questão, as mães tiveram dificuldades em responder e refletir. Somente uma mãe respondeu e disse que está satisfeita com todas as partes do seu corpo: *“eu não gostaria de mudar nada. Gosto do meu corpo como ele é”* (Marcela).

6. O corpo para o outro

A Tabela 7 apresenta as três categorias que reúnem as opiniões das entrevistadas sobre as percepções que outras pessoas têm do seu corpo.

Tabela 7
O que as pessoas pensam sobre meu corpo

Categorias	F
Acho que elas gostam do meu corpo	2
Pensam que está acima do peso	2
Eu não ligo para o que as pessoas pensam	1
Total	5

Fonte: Elaborada pela autora

Como visto, duas mães acham que as pessoas gostam do seu corpo: *“sempre falam assim: ‘nossa, você tem um corpão’”* (Marcela). Outras duas mães acham que as pessoas pensam que elas estão acima do peso. Uma última entrevistada disse não se importar com a opinião de terceiros sobre o seu corpo: *“eu até que não ligo muito para o que os outros pensam não. Eu gosto de me preocupar comigo mesma, ser feliz com aquilo que eu posso fazer. Eu faço para me satisfazer e não para satisfazer o outro”* (Marta).

7. Cuidados com o corpo

A Tabela 8, a seguir, reúne as respostas sobre as práticas de cuidado que as entrevistadas têm com seu corpo.

Tabela 8

Cuidados com o corpo

Categorias	F
Cuidados com a saúde	3
Cuidados com a pele	1
Cuidados com o cabelo	1
Cuidados com roupas	1
Não tem nenhum cuidado específico	1
Total	7

Fonte: Elaborada pela autora

Como visto, apenas uma entrevistada afirmou não ter cuidados específicos com o corpo. As outras mães afirmaram ter “cuidados com a saúde” (três entrevistadas), “com a pele” (uma entrevistada), “com a roupa” (uma entrevistada) e “com o cabelo” (uma entrevistada): *“hoje eu não consigo tomar banho e não passar um creme, a minha pele fica muito ressecada. [...] todos os dias, não importa o horário, eu tenho que passar creme no rosto, nas mãos e no cotovelo, mesmo se depois eu tiver que ir lavar vasilha”* (Márcia). Por fim, uma mãe relatou ter cuidados específicos com suas vestimentas:

tem uma reunião que eu procuro ir mais bem apresentável, colocar uma roupa melhorzinha. Tem uma cobrança social sobre isso [...] temos que nos mostrar como pessoas empoderadas [...] As pessoas gostam de ver as pessoas bem arrumadas, passa uma certa credibilidade. Muitas das vezes, a mulher negra tem que se mostrar através da aparência (Mônica).

8. Aprendizagem do cuidado com o corpo

A Tabela 9 apresenta a lista de pessoas com as quais as mães entrevistadas aprenderam o cuidado com o corpo.

Tabela 9
Com quem aprendeu os cuidados com o corpo

Categorias	F
Mãe	2
Irmãs	2
Ninguém	2
Médico e televisão	1
Total	7

Fonte: Elaborada pela autora

Como visto, quatro entrevistadas disseram que aprenderam os cuidados corporais com a família (duas entrevistadas aprenderam com as mães; duas aprenderam com as irmãs): *“era mesmo de acompanhar minha mãe, minha mãe era bem vaidosa”* (Marcela). Duas mães relataram que aprenderam os cuidados corporais sozinhas: *“ninguém. Aprendi tudo sozinha”* (Maria). Uma mãe relatou que aprendeu os cuidados corporais com médicos e vendo televisão: *“médico, televisão, aprendi assim”* (Marta).

9. Como aprendeu os cuidados com o corpo

Como podemos ver na Tabela 10, a seguir, o aprendizado do cuidado com o corpo se deu, sobretudo, pela observação dos cuidados das mães e das irmãs (duas entrevistadas cada). Duas mães disseram não se lembrar de como aprenderam esse cuidado: *“não me lembro”* (Marta).

Tabela 10
Como aprendeu os cuidados com o corpo

Categorias	F
Vendo minha mãe	2
Vendo irmãs	2
Não lembra	2
Total	6

Fonte: Elaborada pela autora

10. Cuidados marcantes que aprendeu

A Tabela 11 agrupa os relatos sobre os cuidados aprendidos que, hoje, são mais lembrados pelas mães entrevistadas.

Tabela 11
Cuidados marcantes aprendidos

Categorias	F
Cuidados com o cabelo	2
Cuidados com a pele	2
Cuidado com saúde	1
Cuidados com as vestimentas	1
Total	6

Fonte: Elaborada pela autora

Como visto acima, duas mães relataram que os cuidados aprendidos mais marcantes foram aqueles com a cabelo e a pele: *“minha mãe comprava, pagava e eu tinha que buscar [...] era o tutano, e cozinhava para passar no cabelo. Hoje eu ainda faço, às vezes, o tutano. [...] Minha mãe fazia passar pedra pomes nos pés e eu gostava. Passava xixi nas pernas para as pernas não ficarem russas”* (Mônica). Uma mãe relatou foi o cuidado com a saúde: *“sempre falavam para ter uma boa alimentação”* (Marta). Sobre os cuidados com as vestimentas, uma entrevistada afirmou que *“a gente tinha que andar com os sapatos engraxados, não podia pisar na poeira. Você tinha que chegar lá em cima com os pés limpos, não podia negros com pés vermelhos”* (Mônica).

11. O corpo daqui a 10 anos

Perguntadas sobre como imaginam o próprio corpo daqui a 10 anos, três entrevistadas disseram que se veem bem, duas reconheceram ter medo da velhice e uma última avalia que estará acima do peso (Tabela 12). Sobre o medo da velhice: *“eu fico vendo as pessoas e fico imaginando quantos anos tem essa pessoa, com quantos anos vou ficar assim. [...] a velhice me incomoda um pouco”* (Márcia).

Tabela 12
O corpo daqui a 10 anos

Categorias	F
Bem	2
Tem medo da velhice	2
Acima do peso	1
Total	5

Fonte: Elaborada pela autora

12. Corpo de 10 anos atrás

A Tabela 13 apresenta as mudanças que aconteceram no corpo das mães entrevistadas nos últimos 10 anos.

Tabela 13
O corpo de dez anos atrás

Categorias	F
Engordou	3
Flacidez	1
Cabelos brancos	1
Total	5

Fonte: Elaborada pela autora

Como visto, três mães relataram ter engordado: *“mudou bastante coisa, justamente onde eu não quero, o abdômen”* (Marta). Uma mãe disse que os cabelos embranqueceram: *“hoje eu estou com os cabelos brancos, não me importo com isso, não me incomoda”* (Mônica).

13. Parte do corpo que não gostava antes e gosta agora

A Tabela 14 apresenta um conjunto de cinco categorias que descrevem se as entrevistadas tinham uma parte do corpo que não gostavam antes, mas que hoje gostam.

Tabela 14
Partes do corpo que não gostavam antes e gostam agora

Categorias	F
Não	2
Mão	1
Cabeça	1
Nariz	1
Abdômen	1
Total	6

Fonte: Elaborada pela autora

Duas mães responderam que não houve mudanças sobre gostar do seu corpo: *“não, para mim, continua a mesma coisa”* (Marta).

Quatro mães relataram que não gostavam de outros membros, mas agora gostam: “*eu sempre achei que as minhas mãos são mais enrugadas [...] eu sofri um acidente no box e tive um rompimento no tendão, quase perdi a mão, então, depois disso, eu gosto de todas as partes em gênero e grau*” (Mônica). “*Acho que eu era mais gorda do que eu sou hoje*” (Márcia).

14. Mudança de percepção sobre o corpo

A Tabela 15 apresenta duas categorias que descrevem as reflexões das entrevistadas sobre as mudanças de percepção sobre o corpo.

Tabela 15

Mudança de percepção sobre o corpo

Categorias	F
Elas aconteceram no meu corpo	2
Eu mudei a forma de pensar o corpo	2
Total	4

Fonte: Elaborada pela autora

Duas mães afirmaram que as mudanças dos seus corpos realmente aconteceram, que não foi somente uma mudança de percepção: “*foi meu corpo que mudou mesmo. Eu comecei a me alimentar melhor e, às vezes, faço caminhada*” (Márcia).

Duas mães responderam que o que mudou foi a forma de pensarem sobre seu corpo: “*acho que foi uma mudança da minha percepção sobre o meu corpo mesmo*” (Mônica).

15. Diferença do corpo branco e o corpo negro

Perguntadas sobre as diferenças entre corpos negros e brancos (Tabela 16), as mães entrevistadas indicaram: pele (quatro entrevistadas) e membros da mulher negra são mais avantajados (duas entrevistadas): “*a mulher negra tem mais bumbum. É mais avantajada em tudo*” (Marcela). Uma das mães indicou que a diferença é de imagem social: “*eu creio que sim. O pessoal leva a mulher negra para o lado da sexualidade*” (Marcela).

Tabela 16
Diferença do corpo branco e o corpo negro

Categorias	F
Pele	4
Membros da mulher negra são mais avantajados	2
Imagem social	1
Total	7

Fonte: Elaborada pela autora

16. Diferenças de cuidados entre o corpo branco e o corpo negro

Em relação às possíveis diferenças nos cuidados relativos aos corpos branco e negro, apenas duas mães confirmaram a sua existência (Tabela 17): “*claro. Eu uso bloqueador 60. Meus filhos também usam bloqueador 60. A gente queima muito rápido e arde muito rápido*” (Mônica).

Tabela 17
Diferença no cuidado do corpo branco e o corpo negro

Categorias	F
Não existe diferença de cuidado	3
Cuidados com pele	2
Cuidados com cabelo	2
Curvas do corpo	1
Total	8

Fonte: Elaborada pela autora

17. O que é um corpo

Como última questão, perguntamos às mães entrevistadas o que é um corpo. A Tabela 18 apresenta suas respostas.

Tabela 18
O que é um corpo

Categorias	F
Membros físicos	3
Mente	1
É a perfeita criação de Deus	1
Total	5

Fonte: Elaborada pela autora

Das cinco mães entrevistadas, três relataram que o corpo são os membros físicos: “o corpo é formado pelos braços, pelas mãos, pelos pés, peito. Se você é um menino, você tem seu órgão” (Maria). Uma das mães definiu o corpo como “a perfeita criação de Deus” (Marcela).

RESPOSTA DAS FILHAS

18. Conversa sobre o corpo

A Tabela 19 apresenta cinco categorias que identificam as pessoas com as quais as entrevistadas conversam sobre o corpo.

Tabela 19
Conversa sobre o corpo

Categorias	F
Amigas/colegas	4
Mãe	3
Irmã	1
Outras mulheres	1
Não conversa sobre o corpo	1
Total	10

Fonte: Elaborada pela autora

Como visto, quatro das seis filhas conversam sobre o corpo com suas amigas/colegas. Além delas, conversam sobre o assunto com a mãe (três entrevistadas), com a irmã (uma entrevistada) e/ou com outras mulheres (uma entrevistada). “Às vezes, converso com minha irmã” (Flávia).

Uma das filhas entrevistadas afirmou que não conversa sobre seu corpo: “não converso sobre o corpo. Não converso com ninguém sobre isso” (Fabiola).

19. Quando se conversa sobre o corpo

Na Tabela 20, encontra-se o conjunto de situações nas quais as filhas conversam sobre seu corpo: “escolha de roupa” (duas entrevistadas), “momentos de cuidado com o corpo” (duas entrevistadas), “momentos de insatisfação com o corpo” (uma entrevistada), “no trabalho” (uma entrevistada) e/ou “em diversas situações” (uma entrevistada). *“Converso com minha mãe quando ela está lavando meu cabelo”* (Flora).

Tabela 20
Situações em que conversa sobre o corpo

Categorias	F
Escolha de roupa	2
Momentos de cuidado com o corpo	2
Momentos de insatisfação com o corpo	1
No trabalho	1
Em diversas situações	1
Total	7

Fonte: Elaborada pela autora

20. Gostar do corpo

Perguntadas se gostam do próprio corpo, todas as filhas entrevistadas afirmaram sentir insatisfação com algumas partes do corpo: *“mais ou menos [...] só a barriga que não [...] nós temos o corpo idealizado [...] eu sempre quis ser um pouquinho mais magra”* (Flora).

21. Não está satisfeita com algumas partes do corpo

Perguntadas se gostam do próprio corpo, todas as filhas entrevistadas afirmaram sentir insatisfação com alguma de suas partes. Mais especificamente, conforme consta na Tabela 21, indicaram insatisfação com o abdômen (três entrevistadas), o peito (duas entrevistadas), o cabelo (uma entrevistada), a cintura (uma entrevistada) e com “dentes, pernas e costas” (uma entrevistada). *“Não gosto do meu peito. Depois que tive filho, ele caiu”* (Fabiola).

Tabela 21
Parte do corpo com a qual não está satisfeita

Categorias	F
Não está satisfeita com o abdômen	3
Não gosta do peito	2
Não gosta do cabelo	1
Não gosta da cintura	1
Dentes, pernas e costas	1
Total	8

Fonte: Elaborada pela autora

22. O corpo para o outro

A Tabela 22 apresenta as opiniões das filhas entrevistadas sobre as percepções que outras pessoas têm dos seus corpos.

Tabela 22
O que as pessoas pensam sobre seu corpo

Categorias	F
Acho que elas gostam do meu corpo	4
Eu não ligo para o que as pessoas pensam	2
Total	6

Fonte: Elaborada pela autora

Como visto, quatro filhas acham que as pessoas gostam do corpo delas. “*Eu acho que sempre vai ter gente que vai gostar*” (Flávia). Duas das filhas afirmam não se importar com o que os outros pensam: “*eu também não paro para pensar no que as pessoas pensam*” (Flora).

23. Cuidados com o corpo

Na Tabela 23, apresentamos as três categorias relativas aos cuidados que as entrevistadas têm com seus corpos.

Tabela 23
Cuidados com o corpo

Categorias	F
Cuidados com a pele	6
Cuidados com o cabelo	4
Cuidados com a saúde	3
Total	13

Fonte: Elaborada pela autora

Todas as filhas afirmaram ter cuidados rotineiros com sua pele: *“faço depilação, banho de lua, hidratação, cuidados estéticos como ir ao dermatologista para passar protetor solar e ácido para tirar algumas manchas”* (Fabiana). Quatro filhas afirmaram ter cuidados rotineiros com o cabelo: *“cabelo também eu cuido. Agora estou tentando voltar com ele para o cacheado, usei ele muito tempo liso”* (Felipa). Por fim, três filhas responderam que têm cuidados rotineiros com a saúde.

24. Aprendizagem do cuidado do corpo

Ao falarem sobre a aprendizagem dos cuidados com o corpo, as seis entrevistas mencionaram a mãe como aquela com quem aprenderam esses cuidados (Tabela 24). Duas entrevistadas relataram que esse aprendizado também se deu com “outras mulheres da família (avó/tia/irmã)”. *“Eu acho que minha mãe principalmente. Eu só consegui lembrar dela. Ela sempre foi uma pessoa muito vaidosa”* (Flávia).

Tabela 24
Com quem aprendeu os cuidados com o corpo

Categorias	F
Mãe	6
Outras mulheres da família (avó/tia/irmã)	2
Total	8

Fonte: Elaborada pela autora

25. Como aprendeu os cuidados com o corpo

Como podemos ver na Tabela 25, a seguir, o aprendizado do cuidado com o corpo se deu, sobretudo, pela observação dos cuidados das mães e de outras mulheres da família (seis e

duas entrevistadas, respectivamente). “*Vendo minha mãe e minha tia*” (Fabiola). Uma das filhas entrevistadas disse não se lembrar de como aprendeu esse cuidado.

Tabela 25
Como aprendeu os cuidados com o corpo

Categorias	F
Vendo minha mãe	6
Vendo outras mulheres da família (tia/ avó/ irmãs)	2
Não lembra	1
Total	9

Fonte: Elaborada pela autora

26. Cuidados marcantes que aprendeu

A Tabela 26 agrupa os relatos sobre os cuidados aprendidos que, hoje, são mais lembrados pelas filhas entrevistadas.

Tabela 26
Cuidados marcantes aprendidos

Categorias	F
Cuidados com o cabelo	3
Cuidados com a pele	2
Cuidado com saúde	2
Cuidados com vestimentas	2
Nada específico	2
Total	11

Fonte: Elaborada pela autora

Três filhas relataram que aprenderam os cuidados com o cabelo. Duas filhas relataram os cuidados com a pele: “*acho que foi na minha gravidez, quando ela falava para eu cuidar do meu corpo, passar bastante óleo para não dar estrias*” (Fabiola).

Duas filhas responderam que aprenderam com suas mães e/ou avós a cuidarem de sua saúde: “*minha mãe sempre falava para lavar a calcinha separado. [...] minha avó me ensinou como tirar uma foliculite*” (Fabiana).

Duas filhas disseram que aprenderam a ter melhor cuidado com suas vestimentas: “*ela sempre fala que é para andar com a calcinha acima do umbigo para não ficar marcado a barriga*” (Flávia).

Duas filhas afirmaram não lembrar de nada específico: *“Uma coisa específica não, porque sempre foi algo natural”* (Felipa).

27. O corpo daqui a 10 anos

Perguntadas sobre como imaginam seus corpos daqui a 10 anos, as entrevistadas afirmaram “bem” (três entrevistadas) e “acima do peso” (três entrevistadas). *“Acho que não vai estar tão ruim assim não, por mais que eu não seja uma pessoa vaidosa, eu também não fico muito gorda e nem muito magra, então, eu acho que vou estar com um corpo bom”* (Fabiola).

Tabela 27

O corpo daqui a 10 anos

Categorias	F
Bem	3
Acima do peso	3
Total	6

Fonte: Elaborada pela autora

28. Corpo de 10 anos atrás

A Tabela 28, a seguir, apresenta as mudanças que aconteceram no corpo das filhas entrevistadas nos últimos 10 anos.

Tabela 28

O corpo de 10 anos atrás

Categorias	F
Crescimento dos membros corporais	4
Engordou	2
Emagreceu	2
Cabelo cresceu	1
Total	9

Fonte: Elaborada pela autora

Como visto e esperado, quatro filhas disseram que partes dos seus corpos cresceram: *“quando eu era pequena, eu era um pouco mais gordinha [...]. Todos os meus membros cresceram muito. Meu pé e minha perna também. Então, agora ficou mais proporcional”* (Flora). Duas filhas relataram que engordaram nos últimos 10 anos: *“acho que eu estou um*

pouco mais gordinha” (Fabiana). Duas filhas afirmaram que emagreceram. Uma filha relatou que o cabelo cresceu: *“eu acho que o meu cabelo cresceu bastante”* (Flávia).

29. Diferença do corpo branco e o corpo negro

A Tabela 29 apresenta um conjunto de quatro categorias que refletem as percepções das principais diferenças entre o corpo branco e o corpo negro, segundo as entrevistadas.

Tabela 29

Diferença do corpo branco e o corpo negro

Categories	F
Membros da mulher negra são mais avantajados	5
Pele	4
Imagem social	1
Não existe diferença	1
Total	11

Fonte: Elaborada pela autora

Como vimos, cinco filhas disseram que “membros da mulher negra são mais avantajados”: *“geralmente, a mulher negra tem mais curvas. Tem um quadril mais avantajado. É aquele corpo do Carnaval”* (Felipa). Quatro filhas responderam que outra diferença entre o corpo branco e o corpo negro é a pele: *“acho que tem. Uma pele é mais flácida que a outra. Acho que o tom da pele morena é mais concentrado. A pessoa mais clara tem a pele mais sensível”* (Fabiola). Uma filha indicou que a diferença se refere à imagem social: *“eu acho que uma mulher negra é muito sexualizada”* (Felipa). Por fim, uma das entrevistadas afirmou não haver diferenças.

30. Diferenças de cuidados entre o corpo branco e o corpo negro

Na Tabela 30, apresenta-se um conjunto de quatro categorias que integram opiniões sobre as diferenças no cuidado com o corpo branco e o corpo negro.

Tabela 30
Diferenças no cuidado do corpo branco e o corpo

Categorias	F
Cuidados com cabelo	3
Não existe diferença de cuidado	2
Curvas do corpo	2
Cuidados com a pele	1
Total	8

Fonte: Elaborada pela autora

Quatro filhas disseram existir diferença nos cuidados entre o corpo negro e o corpo branco: “*as brancas conseguem manter esse slim do corpo. As negras já têm curvas, é muito mais diferente*” (Fabrícia).

Duas filhas afirmaram não existir diferença de cuidados entre os corpos branco e negro: “*acho que as pessoas têm os mesmos cuidados. Usam métodos diferentes*” (Flora).

31. O que é um corpo

Como última questão, perguntamos também às entrevistadas o que é um corpo. A Tabela 31 apresenta suas respostas.

Tabela 31
O que é um corpo

Categorias	F
É o que se pensa sobre ele	4
Membros físicos	1
É uma imagem social	1
Conjunto de características biológica, fisiológicas e físicas	1
Total	7

Fonte: Elaborada pela autora

Segundo quatro filhas, o corpo é o que pensamos sobre ele: “*corpo é como a gente se expressa, como a gente se posiciona*” (Flávia). Uma filha afirmou que o corpo são os membros físicos: “*um corpo é dois braços, duas pernas... Independente se você é gordo ou magro, é seu corpo. São os membros*” (Fabíola). Uma filha disse que o corpo é uma imagem social, e outra que é um “*conjunto de características biológicas, fisiológicas e físicas*” (Fabiana).

8. DISCUSSÃO

Após a apresentação dos resultados encontrados, organizamos esta discussão em duas partes, que refletem os mais significativos elementos encontrados na pesquisa. A primeira parte foi nomeada de Representação Social do Corpo para mães e para filhas, enquanto a segunda de Representação Social do corpo para mulheres negras.

No decorrer da discussão, nos aproximamos da TRS para a compreensão da RS do corpo para mulheres negras.

Enfatizamos ainda que buscamos conduzir este estudo com uma perspectiva exploratória para conhecer como as mulheres negras entrevistadas representam seu corpo. Não buscamos, a partir do presente estudo, generalizar os resultados e nem uniformizar as experiências individuais de cada sujeito. Dessa forma, apresentaremos, a seguir, nossa reflexão.

8.1 Representação Social do corpo para mães e para filhas

A partir das entrevistas, foi possível verificar que as mulheres representam o corpo como um objeto composto por seus membros, como pernas, braços, cabeça, como podemos identificar na tabela 16, mas também, é o que pensamos e representamos, o que é apontado na tabela 29. Nesse sentido, o corpo é relacionado como algo físico e biológico, mas, além dos aspectos físicos, elas também abordaram o corpo como algo ligado ao comportamento e aos sentimentos, o que faz com que seja um objeto subjetivo e singular.

Eu acho que o corpo é algo que está dentro de você, entende? É o externo, né, é a evolução ali de um quadril, de um busto e tudo mais, mas um corpo, o mais importante é você interiormente, você está aceitando o que está evoluindo através do seu externo (Fabrícia).

A partir dos relatos, é possível compreendermos que o corpo é mais que um conjunto de membros físicos. O corpo é um objeto que é construído e reconstruído o tempo todo e essa construção se dá a partir da comunicação.

É perceptível que, assim como foi apresentado na pesquisa realizada por Jodelet, em 1984, as RS do corpo estão ligadas aos aspectos mais íntimos e às experiências de vida dos sujeitos. Além do mais, o corpo foi ligado à beleza e à feiura, o que faz com que as mulheres

busquem por intervenções do seu corpo para que se aproximem do corpo dito pela nossa sociedade como corpo ideal.

O corpo é uma construção social que passa pela comunicação. Podemos identificar essa comunicação a partir de duas vias: 1) oral, na categoria sobre com quem você conversa sobre o corpo; e 2) visual, na categoria sobre como aprendeu os cuidados com o corpo.

As entrevistadas relatam que o aprendizado do cuidado com o corpo se deu, sobretudo, por meio da observação de outras mulheres, como podemos ver nas Tabelas 8 e 23. As entrevistadas afirmam que aprenderam os cuidados quando se espelhavam em outras mulheres de sua família:

a minha mãe cuida do corpo dela. De uns tempos para cá, ela faz caminhada e emagreceu muito. Eu me vejo nela. Eu vejo ela fazendo exercício físico e penso que tenho que fazer também, pois se minha mãe está fazendo e ela é mais velha e eu nova, é que eu tenho que me cuidar mesmo, porque senão eu vou ficar para trás (Felipa).

As relações familiares se mostraram como fortes aliadas para a construção da representação social corporal, levando em consideração que as duas formas de comunicação apresentadas envolvem o grupo familiar como o grupo principal de comunicação das entrevistadas. Como vimos nas Tabelas 1 e 17: “*ultimamente, [...] com minhas filhas mesmo*” (Marta) e “*converso com minha mãe*” (Flora).

Identificamos que o corpo não é algo estático, mas está em constante transformação. Essa construção e reconstrução se modifica a partir das vivências das entrevistadas e do momento de vida em que se encontram. Como salientado por Moscovici (2015) e Jodelet (2017), as RS do corpo são construções sociais do pensamento que os indivíduos geram a partir da sua relação com o outro e que se originam do senso comum. Elas são formadas a partir das dinâmicas das relações sociais influenciadas pelo momento sociocultural e histórico.

A relação de tríade que o sujeito tem com o corpo, apresentada por Jodelet (2017), também é evidenciada neste estudo. A primeira diz da relação entre as RS e as representações individuais e podemos observá-la nas categorias apresentadas no tópico “o que as pessoas pensam sobre o corpo”, em que as entrevistadas responderam como se sentem com o olhar do outro sobre seu corpo. A segunda parte da tríade é entre a representação e o comportamento. Essa relação é percebida nas categorias apresentadas nos relatos de cuidados corporais, em que todas as entrevistadas relataram realizar esse tipo de prática. A terceira parte da tríade é a relação entre a RS e a mudança individual e social, que pode ser identificada a partir dos relatos sobre com quem as mulheres conversam sobre o corpo e nos relatos a respeito das percepções

das mudanças corporais, em que são apresentadas categorias que versam sobre a mudança de percepção que as entrevistadas tiveram sobre o seu corpo com o passar do tempo.

Como mencionado anteriormente, é na comunicação que as mulheres constroem as RS sobre seus corpos. O corpo é colocado como algo íntimo e público, o que limita a comunicação sobre ele a um grupo de pessoas mais íntimas, como a família e as amigas. É a partir da comunicação com outras mulheres, próximas do círculo social, que as mulheres atualizam as RS do corpo. Ao mesmo tempo que o corpo é apresentado como um objeto íntimo, que necessita da proximidade de relação com o outro para que seja um assunto abordado, todas as entrevistadas demonstraram ter uma abertura para conversar sobre o corpo com outras mulheres, como as mães, irmãs e amigas.

O grupo social escolhido pelas participantes para conversarem sobre o corpo se modificou de acordo com o grupo de entrevistadas. As mulheres mais velhas (do grupo de mães) relataram que conversam mais sobre o corpo com as irmãs e as colegas de trabalho. Já o grupo das filhas relatou conversar mais com as mães e as amigas. A diferença do ciclo social de comunicação sobre o corpo pode ser influenciada pelo momento de vida no qual as entrevistadas se encontram. No grupo de mães, somente duas têm a mãe viva, mesmo assim, a mãe de uma das mães participantes da pesquisa mora em outro estado, o que pode afetar a comunicação entre elas. O grupo de mães também tem o grupo de colegas de trabalho mais fortalecido: duas mães são concursadas há muitos anos e uma mãe trabalha na área assistencial há muito tempo, o que faz com que os vínculos de amizade no trabalho sejam mais estruturados. O grupo das mulheres mais jovens (filhas) está ligado diretamente às mães, já que todas as filhas moram com suas mães e afirmam ter um bom relacionamento com elas. Além disso, quatro das filhas estão ligadas ao mundo escolar e acadêmico e duas se desvincularam desse meio há pouco tempo, quando terminaram o 3º ano do ensino médio.

É notório que a comunicação também se dá por meio das mídias, que contribui para a formação de novas informações sobre o corpo e permite que as entrevistadas façam essa construção constante da RS desse objeto. Uma das entrevistadas relatou que aprendeu coisas sobre o corpo assistindo à TV, como é possível ver na categoria apresentada na Tabela 7, sobre com quem aprendeu os cuidados com o corpo.

Assim como na pesquisa realizada por Camargo, Justo e Alves (2011), não houve muita diferença nos cuidados corporais do grupo de mulheres mais velhas para o grupo de mulheres mais jovens. Todas as entrevistadas relataram ter algum tipo de cuidado com o corpo. A categoria mais apresentada foi a de cuidados com a saúde, que envolvem a realização de atividades físicas, dietas e/ou restrição alimentar, com o intuito de emagrecer ou para manter o

peso. Algumas das mulheres do grupo de mães relataram que utilizam dietas e atividades físicas somente por questões de saúde, mas, em outro momento, também mencionaram preocupação com o peso e com a estética, ao afirmarem que mantêm os hábitos saudáveis, pois eles também contribuem para que se sintam mais bonitas.

Jodelet (2017) e Dutra, Gonçalves e Cunha (2021) indicaram, em seus textos, que a RS do corpo é influenciada a partir das relações que o sujeito tem com o seu meio, o que faz com que as pessoas busquem padrões que reforcem a imagem do corpo perfeito. Foi apresentado, por esse grupo de mulheres, um padrão de beleza relacionado, principalmente, ao corpo magro, o que fez com que todas as entrevistadas realizassem cuidados com o corpo a fim de se aproximarem do corpo ideal, o magro.

A maior parte das entrevistadas relatou, ainda, que tem rotinas de cuidado com a pele e o cabelo, como é possível ver nas Tabelas 9 e 21. O grupo de mães demonstrou ter maior cuidado com a pele do corpo todo e o grupo das filhas demonstrou ter maior cuidado com a pele do rosto, em uma rotina de *skincare* (cuidados com a pele). Os cuidados com o cabelo vão desde cortes, pintura, penteados, hidratação e procedimentos químicos que alteram a estrutura do fio do cabelo, como podemos notar no tópico sobre cuidados com o corpo apresentado nas Tabelas 6 e 21: “*sim. Faço depilação, banho de lua, hidratação nos cabelos, cuidados estéticos como ir a dermatologista. Eu tenho esse cuidado de passar protetor solar no rosto e estou passando um ácido para tirar algumas manchas no rosto também*” (Fabiana).

Sobre os rituais de cuidados corporais, foi perceptível que a maior parte das entrevistadas mencionou que isso se deu de forma espontânea. A categoria mais citada foi a de observação de outras mulheres, ou seja, as participantes da pesquisa aprenderam os cuidados corporais vendo outras mulheres cuidarem dos seus corpos. As entrevistadas relataram que, quando mais novas, ainda na infância, aprenderam esses cuidados com suas mães, avós, irmãs mais velhas e até mesmo com tias, mas, com o passar do tempo, os grupos sociais externos se fortaleceram e agregaram informações de outros cuidados corporais, em um aprendizado contínuo. Mesmo assim, os relatos mostram que essa comunicação se dá a partir de grupos íntimos, como de amigas e colegas. A partir das entrevistas, compreendemos que as práticas corporais estão ligadas aos modelos culturais construídos socialmente sobre o corpo e que são repassados de geração para geração, sofrendo algumas modificações durante o curso de vida da mulher. Falar sobre o corpo é também se expressar sobre o objeto e realizar cuidados com ele.

Os compartilhamentos de pensamentos e comportamentos são importantes para a construção da RS do corpo (Jodelet, 2017). Como assinala Moscovici (2015), as representações se tornam sociais, pois são resultado de um conjunto de interações dentro de um grupo que são

compartilhadas pelos indivíduos pertencentes a esse grupo. As entrevistadas aprenderam e continuam aprendendo novas formas de cuidados corporais. Esses aprendizados se dão de maneira constante e contam com a relação de outras mulheres para os ensinamentos de cuidados corporais.

A construção e a reconstrução da RS do corpo envolvem também os sentimentos que as mulheres têm sobre esse objeto, o que faz com que, em alguns momentos, as mulheres se sintam menos satisfeitas com seu corpo e, em outros, sintam mais satisfeitas. Mesmo assim, alguns relatos evidenciam que elas nunca estão completamente satisfeitas, como conta Felipa: *“não gosto de todas as partes do meu corpo, eu acho que ninguém gosta de todas as partes”*.

Sobre como se sentem com o seu corpo, a maior parte das entrevistadas relatou insatisfação. A maioria delas disse que estavam menos satisfeitas com seus abdomens. Até mesmo as mulheres que visivelmente eram magras estavam insatisfeitas com seu peso, como também ocorreu na pesquisa de Canti, Costa, Peres e Toral (2009), em que a maioria das entrevistadas aparentava fisicamente ter uma média corporal saudável e esteticamente tinham um corpo magro, mas, mesmo assim, estavam insatisfeitas com seu peso e adotavam estratégias alimentares e atividades físicas para alcançar o corpo magro.

Hoje, em nossa sociedade, temos uma influência de que o corpo ideal feminino, sobretudo, seja um corpo magro. Isso pode ser evidenciado fortemente na mídia, em que o padrão feminino é representado por mulheres magras, brancas, com cabelos lisos e longos, e na indústria da moda, que ainda exclui algumas numerações de manequins em suas coleções. Como estratégia para se aproximar do corpo belo, as entrevistadas relataram que realizam, principalmente, atividades físicas e dietas, como também foi verificado em outras pesquisas (Camargos, Justos, & Jodelet, 2010; Schlosser & Camargo, 2015; Miranda, Almeida, Oliveira, Souza, & Abranches, 2017; Passos, Gugelmin, Castro, & Carvalho, 2013; Passos, Gugelmin, Castro, & Carvalho (2013); Camargo, Justo, & Alves, 2011), nas quais o corpo magro foi identificado com uma das principais características para ser bonito.

Além do peso ideal, em nossa sociedade, o feminino é fortemente influenciado por algumas características corporais fenotípicas, como o cabelo comprido e liso. Os cuidados com os cabelos são marcantes nos rituais de beleza das mulheres entrevistadas. O tópico de cuidados com o cabelo foi apresentado por uma frequência total de seis respostas, possível de ser identificada nas Tabelas 9 e 21.

Além dos cuidados com a saúde e o cabelo, assim como na pesquisa realizada por Miranda, Almeida, Oliveira, Souza e Abranches (2017), em que foi identificado que a RS do corpo belo está associada à cintura fina e à ausência de estrias e celulites, em nossa pesquisa

também ficaram evidenciadas que essas características determinam a beleza corporal. Além do mais, foi identificado que a RS do corpo se dá de forma diferente para as mulheres brancas e para mulheres negras (falaremos mais a seguir na próxima seção), como seios grandes e nádegas grandes. Alguns termos utilizados em nossa sociedade, como “mulherão” e “gostosa”, reforçam essas características do corpo como objeto de desejo masculino e evidenciam a busca da mulher em ter um corpo desejado pelo outro.

Em nossa pesquisa, todas as mulheres mostraram estar em busca de um corpo perfeito. Elas demonstram realizar uma busca constante para alcançar o corpo ideal. O corpo foi representado como um objeto que sempre precisa ser trabalhado, remodelado, o que fazia com que as mulheres buscassem sempre um corpo que não é possível de ser alcançado e despertava sentimentos negativos em relação a ele. Todas as entrevistadas demonstraram se sentir insatisfeitas com o corpo em certos momentos da vida e algumas relataram que estavam nesse momento de insatisfação. Outra observação sobre como as mulheres se sentem em relação ao corpo é que algumas delas, do grupo de mães, quando refletiram como que seu corpo estará no futuro, demonstraram medo ou receio do envelhecimento.

Eu tenho medo da velhice, medo, isso eu tenho. É ficar enrugada, eu não quero isso, é essa mudança do corpo. Eu falo muito isso com minha mãe, eu acho que, vivendo até os 60 anos, já deu para mim, já quero ir embora, eu não quero ser velha, porque a vida toda eu fui assim, olha, aí de repente, começa aqui e ali eu não vou gostar, eu acho. Eu não quero a velhice (Maria).

De acordo com Wolf (2020), o padrão de beleza reforçado nos dias atuais aponta para a velhice como o declínio da beleza da mulher, além de associar a velhice ao aumento de peso, que é representado como uma característica ligada à feiura. Ter um corpo bonito é ter um corpo jovem e sem marcas de envelhecimento. A autora sugere dois grandes influenciadores que reforçam o padrão de beleza ocidental: o primeiro é a mídia, que idolatra a beleza das mulheres jovens e brancas; o segundo é a indústria de cosméticos, que vende seus produtos como retardadores do envelhecimento. O papel social das pessoas mais velhas em nossa sociedade também contribui para que o discurso da mídia e da indústria se fortifiquem, já que, muitas vezes, as pessoas idosas são representadas como coadjuvantes em nossa sociedade.

Em nosso estudo, assim como apresentado por Santiago, Oliveira, Bulhões e Simões (2012), as participantes consideram que seu corpo não corresponde ao corpo percebido como belo e ideal, descrito como magro, jovem, saudável e sem marcas.

Outra identificação possível, a partir desse estudo, é a relação entre a “beleza” e a “feiura”. Foi percebido que esses dois adjetivos eram verbalizados de forma concomitante, pois

as mulheres atribuíram beleza ao padrão socialmente imposto, de corpo magro, cabelo liso, pele sem manchas e sem marcas de envelhecimento, peitos fartos, nádegas grandes, cintura fina, entre outros. Já a “feiura” é tudo aquilo que não se enquadra nessas características, como o corpo gordo, com manchas e marcas na pele, cabelo crespo, pele preta, entre outros. Quanto menos características de beleza a mulher tiver, mais ela vai estar no campo da “feiura”. Essa relação entre o feio e o belo nos leva a refletir que a beleza é um conjunto de características e, para as mulheres serem consideradas bonitas, não precisam, necessariamente, ter todas as características juntas, mas algumas são consideradas principais e, quando atreladas às outras, levam as mulheres a representarem seu corpo como bonito.

O que faz a mulher identificar a “feiura” no seu corpo é quando, principalmente, seu corpo não possui as características de beleza protagonistas, como a magreza e a ausência de manchas na pele, o que faz com que, mesmo que tenha outras características que poderiam, em nossa sociedade, ser consideradas bonitas, não sejam vistas como pertencentes a um corpo bonito. Assim como foi observado nas pesquisas de Scechi, Camargo e Bertoldo (2009) e de Goetz, Bertoldo e Justo (2008), o fato de não ser magra leva as mulheres a se sentirem insatisfeitas com seu corpo, pois associam a gordura à feiura.

O corpo representado como belo é algo distante, mas as participantes tentam alcançá-lo. O corpo representado como feio é identificado, pelas entrevistadas, como sendo o seu corpo. Outro ponto levantado é a relação do corpo com o outro: como o outro vê o corpo fortifica ou não com que as mulheres se sintam bonitas ou feias.

Algumas das mulheres entrevistadas, como podemos perceber nas Tabelas 5 e 20, demonstraram não se importar com o que o outro acha ou pensa do seu corpo, mas, no decorrer das entrevistas, todas demonstraram se preocupar com a forma como o outro as vê, principalmente em relação às percepções das pessoas mais próximas, como a mãe, as irmãs e as amigas. Além disso, foi identificado que o olhar do outro sobre o seu corpo modifica sua percepção sobre ele, o que faz com que as mulheres se sintam bem ou mal com seu corpo.

Outro ponto importante observado na pesquisa foi a relação do corpo da mulher na maternidade. As mulheres do grupo de mães e uma das filhas (apenas uma das filhas tem filho) relataram que um momento crucial e marcante sobre o compartilhamento de cuidados com o corpo foi durante e após a gestação. *“Acho que o momento importante foi na minha gravidez, quando elas falavam para eu cuidar do meu corpo, passar bastante óleo para não dar estria, elas [mãe e tia] sempre foram vaidosas com essas coisas. Elas não têm nenhuma estria e nenhuma celulite”* (Fabiola).

Todas as mulheres da entrevista que vivenciaram a gestação demonstraram que esse foi o maior momento de transformação do seu corpo e contaram com o auxílio, principalmente, das mães para lidar com essas transformações. Foi unânime, entre os relatos, que o principal cuidado foi com a pele, para evitar estrias e outras marcas no corpo que pudessem ser ocasionadas na gravidez. Após o parto, os ensinamentos e as cobranças se voltavam para a retomada do corpo de antes da gestação, o corpo magro. Para isso, existiam alguns cuidados, como o uso de cintas, dietas e atividades físicas.

8.2 Representação Social do corpo para mulheres negras

Segundo Camargo, Justo e Jodelet (2010), a RS que os indivíduos apresentam do corpo tem relação direta com as questões históricas vividas por esse grupo. Historicamente, as mulheres brancas e negras foram tratadas de forma desigual, o que levou ambas a construir a RS do seu corpo de forma diferente.

Algumas entrevistadas relataram que existe diferença entre o corpo da mulher negra e o corpo da mulher branca, como podemos identificar nas categorias apresentadas nas Tabelas 15 e 28. Mesmo aquelas que relataram não existir diferença, em algum momento da entrevista, apresentaram, nos discursos, algumas variações entre esses corpos.

As entrevistadas informaram que a diferença do corpo da mulher negra e o corpo da mulher branca é física e social. Fisicamente, o corpo da mulher negra foi relatado como um corpo com membros grandes e largos: quadril largo, nádegas grandes, seios grandes, entre outros. O cabelo foi descrito como “duro”, como é possível observar nos relatos a seguir:

uma pele é mais flácida que a outra, acho que o tom da pele morena é mais concentrada. A pessoa mais clara tem a pele mais sensível. As mulheres brancas têm cabelo bom, né (Fabiola).

Sim, questão da face, o lábio, o nariz, eu acho que são mais marcantes, cabelo é bem mais marcante. Inclusive eu tenho uma amiga, que a gente se entende em relação ao *backstage*. Aconteceu com ela que eles perguntaram, simplesmente, porque ela tem algumas partes do corpo mais escuras do que as outras, isso machucou ela, eu acho que as pessoas não sabem encarar isso (Fabrícia).

Foi possível perceber, em nossa pesquisa, assim como apresentado por Braga (2020), que traços corporais como nádegas avantajadas, quadril largo, cor da pele e cabelo crespo são traços que, quando pertencem às mulheres negras, são menosprezados, mas, quando são

características da mulher branca, são considerados atributos de beleza. Em nosso estudo, as mulheres assinalaram que essas características, nas mulheres negras, reforçam a imagem de hipersexualidade, imagem construída socialmente e que coloca o corpo da mulher negra não no grupo de beleza, mas no grupo apenas do desejo sexual.

Por mais que a beleza esteja atrelada ao olhar e ao desejo do outro, em nossa pesquisa, a sexualidade feminina foi pouco explorada, mas, quando as entrevistadas refletiam as diferenças entre os dois corpos femininos, o branco e o negro, o corpo da mulher negra era ligado ao desejo sexual do outro. As principais diferenças indicadas pelas entrevistadas, entre os dois corpos, foram a cor da pele, a textura do cabelo e a imagem social.

Segundo Kilomba (2019), o corpo da mulher negra foi um corpo explorado sexualmente e podemos ver o reflexo histórico dessa exploração nos discursos de nossas entrevistadas e nas RS que elas fazem do corpo da mulher negra, como um corpo sexualizado. O corpo da mulher negra é evidenciado, em nossa pesquisa, como um corpo que desperta o desejo sexual do outro, como podemos observar no trecho a seguir: *“eu acho que uma mulher negra é muito sexualizada, tipo assim, muito porque, geralmente, a mulher negra tem mais curvas, tem um quadril mais avantajado, é aquele corpo do Carnaval”* (Felipa).

A diferenciação da imagem social dos dois grupos de mulheres colabora para que as mulheres negras tenham alguns cuidados diferentes com seu corpo, como usar certo tipo de vestimenta e andar sempre com sapatos limpos, como podemos observar no relato:

minha mãe fazia a gente passar xixi nas pernas, hoje é um horror, né, mas antes a gente passava porque tinha que andar com as pernas brilhando, porque tinha que brilhar. Então, a gente tinha que andar com os sapatos engraxados, tínhamos que pisar nessas pedras de calçamento, mas não podia pisar na poeira, você tinha que chegar lá em cima com os pés limpos, não podia negros com pés vermelhos, não podia, não podia andar com qualquer chinelo (Mônica).

A imagem social que o corpo da mulher negra carrega, de corpo estereotipado e sexualizado, faz com que as entrevistadas busquem modificações em seu corpo que as aproximem de alguns aspectos do corpo da mulher branca e que tenham determinado tipo de comportamento para que não se sintam dentro do estereótipo criado pela sociedade de mulher negra.

A imagem social está diretamente ligada com o que o outro acha ou pensa do corpo. Alguns relatos evidenciaram certa preocupação da imagem que estavam passando do seu corpo para o outro. Uma entrevistada disse sentir que, em alguns espaços, tem a percepção de que a presença do seu corpo é um incômodo por ser um corpo de uma mulher negra.

A pele foi assinalada, em nossa pesquisa, como uma característica positiva da mulher negra, não por sua cor, mas pela qualidade, como indica o relato:

acho que é o cuidado com a pele, a mulher branca tem que cuidar muito mais da pele do que a gente... Na minha época, você quase não via as pessoas pintadas, agora, as pessoas passam 1 quilo de coisa na cara. Já a mulher negra não precisa de nada disso, se eu passar um batom e um lápis no meu olho, nem de passar coisa na pele eu preciso, eu já saio. Já a pessoa da pele branca não, sabe que ela tem que passar base, é tanta coisa que eu nem sei os nomes, e sai, mas não é aquela beleza dela, natural. A negra não, a beleza dela é muito natural. A mulher negra, quando se pinta com alguém que realmente sabe fazer maquiagem, ela fica linda e sem precisar mudar muito (Maria).

A beleza da pele da mulher negra foi mostrada como algo natural, que não precisa de muitos cuidados, somente para evidenciar ainda mais sua beleza. Segundo os relatos coletados, as mulheres negras utilizam mais produtos para hidratar a pele, como óleos e cremes hidratantes. Esses cuidados foram identificados, por elas, como algo aprendido das observações de outras mulheres do seu grupo social familiar.

Outro apontamento relevante de cuidado corporal identificado foi o cuidado com o cabelo. Algumas entrevistadas mencionaram que as mulheres brancas não têm muito cuidado com os cabelos por serem “bons”, só as mulheres negras, que nascem com o cabelo “ruim”, precisam de maior cuidado. Outras relataram estar passando por um processo de descoberta do cabelo natural, pois, por muito tempo, utilizaram, além de hidratantes e tintas no cabelo, químicas para alterar sua textura. Agora estão passando ou passaram pela transição capilar, momento em que se deixa de passar química alisante no cabelo para deixá-lo natural.

Esse momento de transição capilar não reflete apenas a transição do aspecto físico do corpo, mas também a transição de algo que é sentido, que antes não era aceitável, pois existia o desejo de se aproximar dos aspectos do corpo da mulher branca, que são aspectos positivos de representação de beleza em nossa sociedade. A transição passa também por querer se representar como uma mulher negra.

Uma das entrevistadas ainda relatou que aprendeu a ser negra, que se tornar negra foi uma construção que envolveu aceitação do seu corpo e da sua história. Essa construção corporal, de ser uma mulher negra, alterou seu estilo de viver, de se vestir, de se comunicar com o outro. Até seu modo de andar mudou, como enfatizou a entrevistada Mônica.

As participantes destacaram que foi preciso que pessoas importantes em suas vidas, todas mulheres, incentivassem e contribuíssem para que acontecessem essas mudanças de se tornarem uma mulher e, acima de tudo, uma mulher negra. Ser negra é mais que uma

descoberta, é uma aceitação do que você é, vai além do físico, é algo sentido, é a história de vida de cada um.

Quando relata os cuidados corporais que tem atualmente, Felipa confia que, na escola, sempre sentia que deveria estar dentro de um padrão e que, desde muito nova, teve seu cabelo alisado e não se lembra de um momento em que tenha visto seu cabelo em aspecto natural, sem químicas. A entrevistada afirma que sempre teve vontade de deixar o cabelo crespo em evidência e passar pela transição, mas que não consegue. Esse receio apresentado pela entrevistada pode estar ligado ao medo de rejeição do seu grupo social. A participante diz que, ao mesmo tempo, há cobranças de algumas pessoas para que ela assuma seu cabelo natural, mas que não se sente confortável para essa mudança, o que também a deixa desconfortável.

Nos relatos apresentados, é possível perceber que ser mulher e, acima de tudo, ser uma mulher negra, foi e é uma descoberta constante, que se modifica de acordo com os grupos sociais envolvidos e os contextos socioculturais.

A construção e a reconstrução do corpo feminino, em certos pontos, é feita de uma mesma forma, sem distinção do corpo da mulher branca e mulher negra, como algumas entrevistadas relataram inicialmente. Essa igualdade corporal está mais próxima ao corpo físico e biológico. Quando as entrevistadas analisam que o corpo vai além do biológico e é também uma construção social, identificamos a diferenciação do corpo da mulher negra e do corpo da mulher branca.

O corpo da mulher negra é apresentado como uma construção social na qual as mulheres precisavam se adequar a um determinado padrão de comportamento e de beleza física e social. À medida que se inserem em outros grupos sociais são apresentados aspectos do corpo que não conheciam e passam a reconstruir a imagem que tinham do seu corpo para se adequarem aos modelos sociais ditos como belos e aceitáveis. Se tornar uma mulher é fazer essa descoberta corporal diariamente, é tentar alisar o cabelo para se sentir mais branca e deixar a química de lado para se sentir mais negra, é querer quebrar as barreiras do que é representado como feminino e do que é ser uma mulher negra, é ter sua história construída e narrada a partir de olhares negativos de outras pessoas e refletir isso em seu corpo.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, pontuamos as principais contribuições, as limitações encontradas e uma proposta para estudos futuros.

A investigação sobre as RS do corpo para mulheres negras constituiu-se como uma das formas de tentar evidenciar as particularidades que envolvem as mulheres negras em nossa sociedade.

Estudar as RS do corpo para esse grupo de indivíduos envolveu um exercício de reflexão de como o corpo é constituído a partir das vivências das mulheres negras, o que indica que as RS e a imagem corporal de gênero produzem sentidos na materialidade corporal.

As mulheres negras, em especial em Belo Horizonte-MG (região onde moram as entrevistadas da pesquisa), definiram o corpo como sendo composto por seus aspectos físicos, como os membros corporais, e como um objeto ligado ao social e às emoções. Nesse sentido, a partir da análise dos dados, foi perceptível que a RS do corpo para mulheres negras se difere do corpo da mulher branca, sobretudo na diferença da imagem social construída. O corpo da mulher é visto como um corpo construído a partir do olhar do outro, o que faz com que esse objeto seja carregado de significados sociais.

Como já apresentado em outras pesquisas, algumas mencionadas neste trabalho, a magreza é a principal característica do corpo ligada à beleza. Como estratégia para alcançar o corpo magro, as mulheres utilizam dieta e atividades físicas. Assim como discutido nas pesquisas realizadas por Scocchi, Camargo e Bertoldo (2009) e por Goetz, Bertoldo e Justo (2008), a magreza associada à beleza não corresponde ao IMC corporal saudável e fica muito abaixo do IMC corporal ideal. Sendo assim, a magreza que corresponde ao padrão de beleza faz com que as mulheres busquem ter um corpo muito mais magro, o que faz com que mesmo as mulheres que estejam visivelmente magras continuem buscando o emagrecimento.

Em nosso estudo, evidenciamos que não é apenas a magreza que torna o corpo belo, pois ela tem de estar associada a outras características, como cabelo liso, representado como o cabelo “bom”, não ter marcas do envelhecimento e não ter manchas na pele. Assim, como uma forma de atingir o padrão e se aproximarem da beleza corporal imposta socialmente, as mulheres buscam constantemente a realização de intervenções no corpo. A beleza também está ligada à imagem social.

Na presente pesquisa, a RS do corpo da mulher negra foi representada, principalmente, como objeto de desejo sexual do outro. Foi identificado que alguns dos rituais realizados pelas

entrevistadas são para aproximar o corpo da mulher negra de algumas características do corpo da mulher branca para que se sintam mais próximas do padrão de beleza imposto. O corpo representado como ideal está distante do corpo identificado como real, uma vez que a imagem social construída do corpo da mulher negra está longe da imagem social construída como corpo belo. As RS compartilhadas pelas mulheres apontaram para a intensa insatisfação que elas têm do seu corpo.

Entendemos que nenhum trabalho consegue abarcar todo fenômeno e isso se dá por diversos tipos de limitações, de ordem metodológica, teórica, contextuais, entre outras. Dessa forma, apesar de considerar as contribuições que a pesquisa trouxe, também compreendemos e evidenciamos suas limitações. O presente trabalho gerou um extenso volume de categorias e algumas delas, apesar de envolverem elementos que agregam maior aprofundamento de alguns temas pertinentes nos estudos de RS do corpo negro, não foram nosso foco na leitura, como as contribuições dos laços familiares para a RS do corpo e o papel materno na construção da RS do corpo. Na realização dos levantamentos bibliográficos, identificamos a falta de pesquisas sobre o corpo negro e o corpo da mulher negra. Identificamos essas lacunas não apenas metodológicas, mas estruturais, sendo que, ainda tem percebemos poucas pesquisadoras negras.

Destacamos, novamente, que a pesquisa aconteceu essencialmente no contexto da pandemia ocasionada pela COVID-19. Muitos foram os impactos e obstáculos encontrados para concretizá-la, mas, ainda assim, as barreiras não se deram de forma definitiva e a execução da pesquisa progrediu.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, A., Camargo, B. V., & Bousfield, A. B. S. (2018). Envelhecimento e prática de rejuvenescimento: estudo de representações sociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(3), 494-506.
- Aguiar, M. M. (2007). A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 36/37(20), 83-88.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Polén.
- Aldeman, M. (2003). Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 11(2), 445-465.
- André, M. C. (2007). Psicologia e negritude: breve reflexão sobre o “ser negro” no Brasil. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, Brasília, 2, 87-102.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bambirra, N. V. e Lisboa, T. K. (2019). “Enegrecendo o feminismo”: A opção descolonial e a interseccionalidade traçando outros horizontes teóricos. *Revista Ártemis*, vol. XXVII, 1, 270-284
- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Beauvoir, S. (2014). *O segundo sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bôas, L. M. S., Camargo, B. V., & Rosa, A. S. (2017). *Beleza e cirurgia estética: representações sociais de estudantes universitários*. 1. ed. Curitiba: Appris.
- Braga, A. B. (2020). *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Carlos: EdUFSCar.
- Braga, P. D., Molina, M. D. C. B., & Figueiredo, T. A. M. (2010). Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(1), 87-95.
- Breakwell, G. M. (2010). Métodos de entrevista. In G. M. Breakwell, S. Fife-Schaw, S. Hammond, & J. A. Smith (Orgs.), *Métodos de pesquisa em Psicologia* (pp. 238-259). Porto Alegre: Artmed.
- Camargo, B. V., Goetz, E. R., Bousfield A. B. S., & Justo, A. M. (2011). Representações sociais do corpo: estética e saúde. *Temas em Psicologia*, 19(1), 257-268.
- Camargo, B. V., Justo, A. M., & Catarina, D. B. (2011). As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional. *Temas em Psicologia*, 19(1), 269-281.
- Camargo, B. V., Justo, A. M., & Jodelet, D. (2010). Normas, representações sociais e práticas corporais. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(3), 449-457.
- Camargo, B. V., Justo, A. M., Alves, C. D. B., & Schlosser, A. (2013). Efeitos de contexto e comunicação nas representações sociais sobre o corpo. *Psicologia e Saber Social*, 2(1), 33-55.

- Carvalho, J. G. S. & Arruda, A. (2008). Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. *Paidéia*, Ribeirão Preto, 18(41), 445-456.
- Carvalho, J. J. (2008). Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele. *Cinética*, 1, 1-14.
- Castro, A., Aguiar, A., Berri, B., & Camargo, B. V. (2016). Representações sociais do rejuvenescimento na mídia impressa. *Temas em Psicologia*, 24(1), 117-130.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo.
- Conti, M. A., Bertolin, M. N. T., & Peres, S. V. (2010). A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? *Ciência e Saúde Coletiva*, 15(4), 2.095-2.103.
- Conti, M. A., Costa, L. S., Peres, S. V., & Toral, N. (2009). A insatisfação corporal de jovens: um estudo exploratório. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(2), 509-528.
- Crenshaw, K. (2002). Documentos para encontro de especialista em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estudos Feministas*, 10(1), 171-188.
- Crescêncio, C. L. e Ferreira, G. S. (2021). Da história das mulheres às perspectivas contracoloniais? Reflexões sobre a historiografia do gênero no Brasil (2001-2019). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 47, n. 1, 1-19.
- Crisostomo, K. N., Grossi, F. R. S., & Souza, R. S. (2019). As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência. *Psicologia & Saúde*, 11(3), 79-96.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Minayo, M. C. de S. (Orgs.) (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Dutra, A. R., Gonçalves, A. S. R., & Cunha, J. R. F. (2021). Revisão interativa de estudos no âmbito da psicologia sobre as representações sociais da imagem corporal: o que dizem as produções acadêmicas. *Research, Society and Development*, 10(5), 1-9.
- Fernandes, F. S. & Nascimento, J. X. (2021). Conquistas e desafios das políticas públicas para maternidade: reflexões sobre a licença parental como instrumento de equidade de gênero. *Revista Sociais & Humanas*, 34(1), 37-53.
- Ferreira, C. C. (2020). Vozes de uma dor sem nome: necropolítica e maternidade no Brasil. *Rev. Direito e Práx.*, Rio de Janeiro, 11(1), 732-738.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Franco, M. L. P. B. (2012). *Análise de conteúdo*. 4. ed. Brasília: Liber Livro.
- Freyre, G. (2001). *Casa-grande & senzala*. 43. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Goetz, E. R., Camargo, B. V., Bertoldo, R. B., & Justo, A. M. (2008). Representação social do corpo na mídia impressa. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 226-236.
- Gomes, N. L. (2008). *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gonçalves, A. M. (2006). *Um defeito de cor*. São Paulo: Record.

- Gray, L. M., Wong-Wylie, G., Rempel, G. R., & Cook, K. (2020). Expanding qualitative research interviewing strategies: zoom video communications. *The Qualitative Report*, 25(5), 1.292-1.301. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2020.4212>
- Hirschle, T. M. R., Maciel, S. C., & Amorim, G. K. (2020). Representações sociais sobre o corpo e satisfação sexual de mulheres mastectomizadas e seus parceiros. *Temas em Psicologia*, 26(1), 457-468.
- hooks, b. (2019). *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Rios de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>> (Acesso em: 17 out. 2021.)
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea (2017). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526:-estudo-mostra-desigualdades-de-genero-e-raca-no-brasil-em-20-anos&catid=10:disoc&directory=1> (Acesso em: 23 jan. 2022.)
- Jodelet, D. (2017). Representação do corpo e suas transformações. Em: *Representações sociais e mundo de vida* (271-288). Curitiba: PUCPRESS.
- Jodelet, D. (2017). Representações, experiências, práticas corporais e modelos culturais. Em: *Representações sociais e mundo de vida* (293-306). Curitiba: PUCPRESS.
- Jovichelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- Justo, A. M., Camargo, B. V., & Bousfield, A. B. S. (2018). Sobrepeso e controle de peso: pensamento leigo e suas dimensões normativas. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 20(2), 200-212.
- Justo, A. M., Camargo, B. V., & Alves, C. D. B. (2014). Os efeitos de contexto nas representações sociais sobre o corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 287-297.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Manzini, E. J. (2004). Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. *Anais do Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos*. A pesquisa qualitativa em debate [Anais]. Bauru, Brasil.
- Martinez, F. J. (2021). Militantes e radicais da quarta onda: o feminismo na era digital. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 29(3), 1-14.
- Matos, A. A., & Lopes, M. F. (2008). Corpo e gênero: uma análise de revista TRIP para mulher. *Estudos Feministas*, 16(1), 61-76.
- Meyer, D. E. (2004). Teoria e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista Brasileira Enfermagem*, Brasília, 57(1), 13-8.
- Miguel R. B. P., Marx D. S. e Arndt G. J. (2020). Surfando na onda digital: feminismos em rede no Brasil. *ex æquo*, Santa Catarina, nº 42, 119-134.
- Minayo, M. C. S (Org.) (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes

- Miranda, R. F., Almeida, T. S., Oliveira, T. C., Souza, C. S., & Abranches, M. V. (2017). Representação corporal entre jovens universitários: beleza, saúde e insatisfação na vivência de um corpo-vitrine. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 6(4), 258-269.
- Moscovici, S. (2012). *Psicanálise, sua imagem e seu público*. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (2015). *Representação social: investigação em Psicologia Social*. 11. ed. Petrópolis: Vozes.
- Muaze, M. (2018). Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, século XIX. In H. O. Lima; R. C. Xavier (Eds.). *Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre e a luta de direitos sociais no Brasil* (pp. 361-392). São Leopoldo, RS: Oikos.
- Passos, M. D., Gugelmin, S. A., Castro, I. R. R., & Carvalho, M. C. V. S. (2013). Representações sociais do corpo: um estudo com adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 29(12), 2.383-2.393.
- Patias, N. D. & Buaes, C. S. (2012). “Tem que ser uma escolha da mulher!” Representação de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 300-306.
- Patias, N. D., Ferreira, T. S., Gaspodini, I. B., Ferreira, P. A. P. e Freitas, C. P. P. (2021). Representações Sociais sobre Feminismo em Brasileiros/as. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, 21(1), 156-174.
- Pereira, L. & Ramalho, V. (2017). A construção da identidade da mulher negra no Brasil. *Comunicaciones en Humanidades*, 2, 34-49.
- Pinto, A. V. L., Coutinho, M. P. L., Cavalcanti, J. G., & Silva, K. C. (2020). As representações sociais sobre a maternidade para mães em privação de liberdade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2(2), 442-463.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, (18)36, 15-23.
- Ribeiro, D. (2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras.
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Santiago, L. V., Oliveira, N. B., Bulhões, A. M. C., & Simões, A. C. (2012). Representações sociais do corpo: um estudo sobre as construções simbólicas em adolescentes. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26(4), 627-643.
- Schlosser, A. & Camargo, B. V. (2015). Aspectos não explícitos das representações sociais da beleza física em relacionamentos amorosos. *Psicologia e Saber Social*, 4(1), 89-107.
- Schmidt, B., Palazzi, A., & Piccinini, C. A. (2020). Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *REFACS*, 8(4), 960-966.
- Schlosser, A. & Camargo, B. V. (2015). Representações sociais da beleza física para modelos fotográficos e não modelos. *Psico.*, 46(2), 274-282.
- Schlosser, A., Camargo, B. V., & Teixeira, K. C. (2015). Representações sociais da beleza física e relacionamento amoroso. *Interpersona*, 9(1), 1-18.

- Secchi, K., Camargo, B. V., & Bertoldo, R. B. (2009). Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 229-236.
- Silva, D. S., Santos, M. B., Justo, A. M., Bousfield, A. B. S., & Camargo, B. V. (2018). Representações sociais relativas ao controle de peso corporal para pessoas com sobrepeso. *Psi UNISC*, 2(2), 66-77.
- Silva, M. C., Pires, A. G. M. G., & Lara, L. M. (2018). As representações de corpo feminino nos discursos de mestrandas em educação física. *Revista Brasileira de Educação Física Esporte*, 32(3), 461-473.
- Silva, M. J. (2009). *Racismo a brasileira: raízes históricas: um novo nível de reflexão sobre a história social do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Anita Garibaldi.
- Silveira, A. & Camargo, B. V. (2021). Social representations of the body and bodily care practices of older adults. *Psico-USF*, 26(2), 279-290.
- Soares, A. C. R. & Mazzarino, J. M. (2021). Feminismo de internet: como as redes sociais contribuem para o desenvolvimento da quarta onda do feminismo no Brasil. *Contratexto*, 36, 261-286.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Theodoro, M. (2008). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília: Ipea.
- Vala, J. (2004). Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In J. Vala, J. & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social* (pp. 457-502). 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vilhena, J. (2006). A violência da cor: sobre racismo, alteridade e intolerância. *Revista Psicologia Política*, 6(12), 1-18.
- Wolf, N. (2020). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Trad. Waldéa Barcellos. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro orientador de entrevista semiestruturada

1. Estado civil
2. Idade
3. Escolaridade
4. Ocupação
5. Com quem você conversa sobre seu corpo?
6. Em que situações vocês conversam?
7. Você conversa com sua mãe/filha?
8. Você se lembra de exemplos de alguma situação na qual foi importante para você conversar sobre seu corpo?
9. Você gosta do seu corpo?
10. Você está satisfeita com todas as partes do seu corpo?
11. Com quais partes você está mais satisfeita e menos satisfeita?
12. O que você acha que as pessoas pensam desses aspectos do seu corpo?
13. Você tem algum cuidado específico com seu corpo?
14. Quem te ensinou esses cuidados?
15. Você se lembra de como aprendeu esses cuidados com seu corpo?
16. Você se lembra de algo específico que sua mãe, avó e/ou irmã te ensinaram?
17. Como você vê seu corpo daqui a 10 anos?
18. Comparando seu corpo de agora com o corpo que você tinha há 10 anos, quais foram as principais mudanças que você acha que ocorreu nele?
19. Tem alguma parte do seu corpo que você não gostava antes, mas que gosta hoje?
20. O que você acha que influenciou essas mudanças de percepções?
21. Existem diferenças entre o corpo negro e o corpo branco?
22. Tem algum cuidado específico diferente do corpo negro para o corpo branco?
23. A partir disso tudo que conversarmos, se uma criança te perguntasse o que é um corpo, o que você responderia?

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Representação social de corpo negro para mulheres negras: construção e reconstrução do corpo negro para mãe e filhas

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento – Tel.: 3134096278

Pesquisadora auxiliar: Camila Patrocínio Luiz da Silva – Tel.: 31987325495

Instituição responsável: Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais

Contatos:

a) Prof. Dr. Adriano R. A. Nascimento, Departamento de Psicologia (FAFICH, UFMG)

Av. Antônio Carlos, 6.627 - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – 4º andar – Sala 4.034 – Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Pampulha – Belo Horizonte – MG, 31270-901 – Tel.: 313409-6278

b) COEP – Comitê de Ética em Pesquisa – Av. Antônio Carlos, 6.627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2.005 – Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Pampulha – Belo Horizonte – MG, 31270-901 – Tel.: 3134094592

Prezada senhora,

Esta pesquisa faz parte de um trabalho de mestrado em Psicologia e tem como objetivo principal analisar as representações sociais do corpo negro para mãe e filhas. De forma mais específica, busca-se identificar e analisar como são a construção e a reconstrução da representação social do corpo negro para mulheres negras. Como benefícios, os resultados desta pesquisa podem subsidiar o desenvolvimento de outras pesquisas, de intervenções e políticas públicas voltadas às mulheres negras. Assim, gostaríamos de convidá-la a participar dessa pesquisa por meio de uma entrevista semiestruturada que será gravada e, posteriormente, analisada pela equipe de pesquisa. O tempo médio de duração da participação é de 40 minutos. A presente pesquisa oferece riscos mínimos aos sujeitos participantes, relacionados à exposição de suas opiniões. Para minimizar tais riscos, a entrevista será realizada conforme sua disponibilidade e em local de sua escolha. Além disso, está garantido o seu anonimato, com a não divulgação de sua identidade em tempo algum e da exclusão de indícios que tornem possível essa identificação. Também lhe é garantida a liberdade, sem restrições, de se recusar a participar, ou de retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que disso resultem quaisquer tipos de consequências. Os dados obtidos com essa entrevista serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e elaboração de projetos de intervenção psicossocial associados ao Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG. Todos os produtos gerados por essa entrevista (transcrições) ficarão armazenados no Departamento de Psicologia/FAFICH/UFMG por um período de cinco anos após seu término, sob inteira responsabilidade do professor responsável por essa pesquisa (Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento). Informamos também que a sua participação, caso concorde com ela, tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração.

Eu, _____ (nome do participante), RG _____, Órgão emissor _____, declaro ter COMPREENDIDO as informações prestadas neste Termo, DECIDO conceder a entrevista solicitada e AUTORIZO sua utilização na dissertação intitulada *Representação social de corpo negro para mulheres negras: construção e reconstrução do corpo negro para mãe e filhas*.

Estando de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento em duas vias.

Participante

Pesquisadora auxiliar

Pesquisador responsável

Belo Horizonte-MG, ____ de _____ de 2020.